

TENDÊNCIAS RELIGIOSAS

Tendência: Inclinação, propensão, disposição... Força que determina o movimento de um 'corpo' em uma direção... Corrente política, artística, filosófica, religiosa (caso de nosso interesse)...

“O Brasil é um país religiosamente diverso, com tendência de tolerância e mobilidade entre as religiões. A população brasileira é majoritariamente cristã (89%), sendo sua maior parte católica. Herança da colonização portuguesa, o catolicismo foi a religião oficial do Estado até a Constituição Republicana de 1891, que instituiu o estado laico. A mão-de-obra escrava, vinda principalmente da África, trouxe suas próprias práticas religiosas, que sobreviveram à opressão dos colonizadores, dando origem às religiões afro-brasileiras. Na segunda metade do século XIX, começa a ser divulgado o espiritismo no Brasil, que hoje é o país com maior número de espíritas no mundo. Nas últimas décadas, as religiões protestantes têm crescido rapidamente em número de adeptos, alcançando atualmente uma parcela significativa da população. Do mesmo modo, aumenta o percentual daqueles que declaram não ter religião, grupo superado em número apenas pelos católicos nominais e evangélicos. Muitos praticantes das religiões afro-brasileiras, assim como alguns simpatizantes do espiritismo, também se denominam "católicos", e seguem alguns ritos da Igreja Católica. Esse tipo de tolerância com o sincretismo é um traço histórico peculiar da religiosidade no país.”

VARIAÇÃO DA AFILIAÇÃO RELIGIOSA POR GRUPO

Em porcentagem da população

Religião	1970	1980	1991	2000	2003	2009
Catolicismo	91,8	89,0	83,3	73,9	73,8	68,4
Protestantismo	5,2	6,6	9,0	15,6	17,9	20,3
Sem religião	0,8	1,6	4,7	7,4	5,1	6,7
Espiritismo	-	0,7	1,1	1,3	1,5	1,7
Afro-brasileiras	-	0,6	0,4	0,3	0,2	0,4
Outras religiões	-	1,3	1,4	1,8	1,5	2,5

Fonte: Recenseamentos demográficos do IBGE.

População total e grupos religiosos no Brasil

Anos	População Total	Católicos	Evangélicos de Missão	Evangélicos Pentecostais	Evangélicos Total	Outras Religiões	Sem Religião
1970	93.470.306	85.775.047 91,8	-	-	4.883.106 5,2	2.157.229 2,5	704.924 0,8
1980	119.009.778	105.860.063 89,0	4.022.330 3,4	3.863.320 3,2	7.885.650 6,6	3.310.980 3,1	1.953.085 1,6
1991	146.814.061	122.365.302 83,3	4.388.165 3,0	8.768.929 6,0	13.157.094 9,0	4.345.588 3,6	6.946.077 4,7
2000	169.870.803	125.517.222 73,9	8.477.068 5,0	17.975.106 10,6	26.452.174 15,6	5.409.218 3,2	12.492.189 7,4

Fonte: Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000, IBGE.

DIVERSAS TENDÊNCIAS RELIGIOSAS NO BRASIL E NO MUNDO

CATOLICISMO

- Êxodo católico
- 'Católicos não-praticantes'
- Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades
- Tradicionalismo Católico (*condenação de qualquer forma, até mesmo aparente, de modernismo na Igreja; defesa da liturgia tradicional para valorização do sagrado e contra abusos na ordenação do culto católico; risco de promover religiosidade intimista [Salva a Tua Alma] e reforçar a passividade dos fiéis, como meros expectadores, na vida litúrgica e pastoral da Igreja*)

CRISTIANISMO

- Histórico (*o protestantismo histórico nascido com a Reforma também apresenta queda no número de adeptos; estão em diálogo e cooperação ecumênica com a Igreja Católica*)
- Pentecostal
- Neo-Pentecostal (*Teologia da Prosperidade, na qual a riqueza material é sinal certo da bênção divina; uso apelativo da figura do demônio em discursos e no culto; forte caráter ofensivo diante de outras igrejas e religiões*)

OUTRAS RELIGIÕES

- Espiritismo
- Religiões afro-brasileiras
- Práticas religiosas/filosóficas orientais

FENÔMENOS

- Pluralismo religioso
- Secularismo: *abandono das 'raízes cristãs'; indiferença aos princípios religiosos.*
- Estados Laicos: *Sem uma religião oficial ou favorecida (É bom e positivo a separação entre Igreja e Estado, desde que se respeite a autonomia da religião).*
- Seitas: *Proselitismo (agressividade no discurso para obter adeptos de outras crenças); Exclusivismo (salvação só para uns poucos); Forte sentido de pertença dos membros.*
- Sincretismo religioso
- Migração e Mobilidade Religiosa
- Ateísmo: *Nega a existência de Deus, fundando-se muitas vezes numa falsa concepção de autonomia e liberdade humanas.*
- Agnosticismo: *Afirma que nada se pode saber de Deus, nem se pode afirmar ou negar sua existência; a divindade é indiferente com relação ao ser humano; resulta em ateísmo prático.*
- Superstições: *Desvio do culto devido ao verdadeiro Deus e que se expressa nas várias formas de adivinhação, magia, feitiçaria. Fere a confiança na providência e bondade divina.*

AS RAZÕES DESTAS TENDÊNCIAS

“Chegará um tempo em que não se suportará mais a doutrina...” 2 Tim 4,1-5

- Busca da religião fácil (alienação/comodismo);
- Religiosidade individualista/intimista;
- Religiosidade sem o sentido de pertença: '*Crer sem Pertencer*'
- Busca da satisfação própria (mercado religioso para atender desejos e ideais);
- Busca de Bem-Estar (material/social);
- Busca de respostas 'mais aceitáveis/agradáveis' para a vida e para a morte;
- Busca de flexibilização moral;
- Falta de formação sólida para os cristãos (catequese e evangelização ineficiente);

VALORES DA CULTURA ATUAL

“Vai-se constituindo uma ditadura do relativismo que nada reconhece como definitivo e que deixa como última medida apenas o próprio eu e as suas vontades.” (Bento XVI)

- Crise de valores (ausência ou negação de referenciais absolutos)
- Individualismo e egoísmo (salvação só para mim; relação direta com o divino)
- Hedonismo e libertinagem sexual
- Capitalismo selvagem (competitividade)
- Pragmatismo e imediatismo
- Indiferentismo religioso/moral/ético
- Negação ou rejeição da autoridade e das instituições tradicionais
- Abandono das tradições familiares ('fosso entre gerações')

“Na atualidade assistimos a uma enorme expansão de religiões de satisfação dos desejos. Se a nossa cultura é uma cultura da satisfação, essa realidade não poderia deixar de influir na religião. Multiplicam-se as religiões cujo objetivo é invocar a Deus ou as forças sobrenaturais para dar segurança, tranquilidade interior, paz, saúde, equilíbrio psicológico, emprego, felicidade. Elas defendem uma teologia da prosperidade. Essas religiões criam um ambiente de fervor religioso, de emoção, de alegria tal que as pessoas por elas atingidas se sentem consoladas e fortalecidas. Muitas vezes têm a impressão de que as suas doenças desapareceram. A religião da satisfação dos desejos penetrou profundamente no protestantismo e também no catolicismo, estando na base das novas religiões holísticas. O objetivo é sempre bem-estar individual. Tais religiões estão muito longe da esperança de Jesus, porque fazem dela apenas força para ajudar a satisfazer aos desejos. Ignoram a mensagem de Jesus. Invocam sem cessar a Bíblia, mas desconhecem seu conteúdo... É verdade que as religiões do tipo pentecostal formam personalidades que perderam o medo de se afirmar em praça pública e nas relações sociais. Mas elas optaram por estar bem longe de todos os conflitos e injustiças sociais, assim como das forças de opressão. Não incomodam ninguém e por isso não precisam ter medo. Muitos católicos tem medo de tomar posição publicamente diante da opressão dos pobres. Por isso preferem não se comprometer. Não parecem ter esperança.”

(Pe. José Comblin em: O Caminho - Ensaio sobre o seguimento de Jesus)

GNOSE (NOVA ERA)

O Gnosticismo era um movimento religioso (não uma religião única e identificável) e filosófico, amplo (popular em todo o mundo greco-romano, nos séculos I e II), multifacetado e difuso (permeado de muitos elementos de outras religiões e filosofias).

Apesar de poderem diferir em algumas preferências, gnósticos caracterizavam-se por todos basicamente afirmarem possuir ou procurarem algum tipo de conhecimento secreto e superior (*Gnose*) sobre as naturezas do universo e sobre a existência humana.

'Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal.' (**Gn 3,5**)

A Nova Era (*New Age*) é como uma nova expressão do movimento gnóstico para os nossos dias. Inclui uma mistura de religiosidade cósmica, rituais e crenças, terapias e práticas, algumas mais antigas que o cristianismo (*originários do paganismo antigo inclusive*).

Vê Deus como 'uma energia impessoal' e um 'componente do cosmos', enquanto que os cristãos têm que lembrar que Deus é o criador dos céus e da terra e a fonte de toda vida pessoal. É bom e positivo ter amor e respeito pela natureza e pelo meio ambiente, mas não se pode identificar a Terra com uma divindade!

A literatura da Nova Era apresenta Jesus como 'um entre muitos homens sábios, iniciados e avatares', mas os cristãos acreditam que Ele é o filho único de Deus, sendo Deus e Homem verdadeiro.

Propõe também a vivência de uma sexualidade desregrada, na qual todas as formas e manifestações da prática sexual são aceitas como que mais uma experiência de 'caráter espiritual'.

A Nova Era pretende anunciar ou promover a chegada da 'Era de Aquários', que substituirá a 'Era de Peixes', ou seja, a era cristã (*O Peixe foi para os primeiros cristãos um símbolo de Cristo devido a palavra grega para peixe, ICHTHUS, conter as iniciais da expressão: Jesus Cristo Filho de Deus Salvador*), implantando uma nova ordem mundial. Gera muita confusão, principalmente para os que buscam saciar de modo alternativo sua sede de espiritualidade.

“...Escritos gnósticos tem reaparecido em uma época em que o patriarcado, a precisão doutrinária, cânons, confissões religiosas, moralidade sexual bem definida, instituições de igreja e a autoridade estão fora de moda. E o que está na moda? A busca pela espiritualidade pessoal, diversidade, individualismo, igualdade e liberação sexual. E a perspectiva em encontrar manuscritos 'cristãos' antigos que sirvam de suporte para esse novo ponto de vista espiritual da nova era é, para muitos pós-modernos, um sonho que se tornou realidade...”

(Desmascarando o Código Da Vinci: Você viu a ficção, agora verá os fatos)

MOVIMENTOS ECLESIAIS

“Um dos frutos mais belos do Concílio; Canais privilegiados para a formação de um laicato ativo e consciente de seu papel na Igreja e no mundo; Uma resposta providencial que o Espírito Santo suscita frente aos desafios do mundo.” (Papa João Paulo II)

Hoje milhões de católicos vivem sua relação de pertença à Igreja no contexto de novas formas associativas, muitas delas bem diferentes das tradicionais. Trata-se das associações de fiéis leigos ou dos chamados movimentos eclesiais.

Os Movimentos Eclesiais consistem em variadas formas de vivência de uma espiritualidade comum, baseada no carisma fundante (do fundador) do movimento.

A maior parte das “conversões” hoje acontece nos Movimentos Eclesiais. Em nosso tempo já não se entra na Igreja de forma direta, por tradição familiar, social, por transmissão do conhecimento... mas pelo caminho da experiência, da afetividade, da emoção. Seria necessário uma passagem afetiva, uma experiência que toque as fibras mais profundas do coração como pré-evangelização, antes que o fiel começasse realmente a integrar as fileiras da Igreja enquanto instituição e participar de todas as suas normas e diretrizes litúrgicas e morais.

A massificação religiosa também gera a necessidade de firmar a identidade e valorização pessoal, buscar segurança e acolhimento em um grupo!

Critérios da Eclesialidade dos Movimentos:

- Serem instrumentos de santificação.
- Professarem integralmente a fé Católica.
- Sólida comunhão com os Pastores.
- Empenhada participação apostólica.
- Construir sociedade justa, fraterna.

Riscos:

- Espiritualismo; Sentimentalismo; Exclusivismo;
- Falta de Comunhão;
- Viver centrado em si;
- Julgar-se uma realidade eclesial completa e perfeita;
- Desconsideração dos outros grupos;
- Supervalorização de líderes/fundadores;

CAMINHO NEO-CATECUMENAL

Tripé Liturgia-Palavra-Comunidade;

Itinerário de Catequese e Redescoberta Batismal por Etapas (RICA)

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA – RCC

Carismas Extraordinários do Espírito;

Grupos de Oração;

'Batismo' no Espírito Santo; Dom das Línguas; Cura e Libertação...

FOCOLARES

Espiritualidade da Unidade (Diálogo Ecumênico e Inter-religioso);

Jesus abandonado;

Forte figura de Maria

ENCONTRO DE CASAIS COM CRISTO – ECC

Serviço de Evangelização das Famílias;

Construir o Reino de Deus a partir da família e da comunidade paroquial;

Reencontro dos casais com eles mesmos, com os filhos, com a Igreja e com Cristo!

OUTROS

Comunhão e Libertação, Movimento de Schoenstatt, Cursilhos de Cristandade,

Equipes de Nossa Senhora, etc...

“Segundo alguns observadores do campo religioso católico, a maior parte das 'conversões' hoje acontece nesses Movimentos Eclesiais. E explicam: primeiro, porque neles os leigos têm mais liberdade e menos rigidez para organizar sua vida de fé do que num esquema paroquial mais tradicional, nos quais os agentes evangelizadores tradicionais (leia-se: clero diocesano e religioso) controlam a palavra, o culto e a organização comunitária. Também porque, no nosso tempo, devido a suas características, já não se entra na Igreja de forma direta, por tradição familiar, social, influência do poder, do conhecimento ou outra coisa, mas pelo caminho da experiência, da afetividade afetada, da emoção enfim. Seria necessário uma passagem afetiva, uma experiência que toque as fibras mais profundas do coração como pré-evangelização, antes que o fiel começasse realmente a integrar as fileiras da Igreja enquanto instituição e participar de todas as suas normas e diretrizes litúrgicas e morais.

Deve-se notar que os assim chamados Movimentos Eclesiais não são novidade na Igreja. Sempre existiram grupos emocionais, entusiastas e visionários, carismáticos e iluminados, sobretudo em tempos de forte mudança ou crise epocal, como a que vivemos hoje.

Porém, na verdade, os Movimentos no atual momento eclesial constituem um corpo novo dentro da Igreja local e mesmo no conjunto da pastoral, sugerindo um novo modelo histórico da realidade eclesial, diferente daquele que conhecemos hoje. Apresentam algumas novidades sintomáticas em relação ao sucesso que fazem em alguns segmentos do povo de Deus como nos diz o teólogo Cleto Caliman em recente texto de estudo: são orientados aos leigos em busca de uma espiritualidade; neles nasce uma nova espécie de clero ou de religiosos a serviço dos próprios movimentos; dentro dos movimentos há mais do que colaboração, há uma integração de padres, religiosos e leigos.

O teólogo José Comblin, missionário belga há muitos anos residente na Paraíba é uma das pessoas que mais tem estudado a questão dos movimentos no Brasil. Ele se pergunta em seus escritos se os Movimentos não representam uma evolução do papel que, em outras épocas, era feito pelas Ordens e Congregações religiosas ou pelos Institutos Seculares, como 'uma nova encarnação da vida de perfeição, agora ainda mais ligada à vida dos leigos, a uma espiritualidade leiga, mais ligada à vida diária do mundo'.

As características sociais dos Movimentos são já bastante conhecidas. Enumeramos algumas:

- São leigos em geral não intelectualizados;
- Agem com suas próprias armas, têm conhecimento adequado para isso e são eficientes, por isso autônomos;
- São dotados de 'autoridade social';
- São 'transnacionais' representam uma espécie de classe média mundial católica e no seu agir referem-se a essa classe social 'transnacional';
- Recrutam seus quadros por eles mesmos, não precisam da diocese ou do bispo para funcionar;
- Em geral são urbanos, expressam uma religião de classe média urbana, setorializada, voltada para a experiência de si mesmo, para compor a própria biografia como sujeito religioso no mundo;
- Capaz de aliar a experiência de conversão a partir do plano emocional com a experiência de fraternidade.

Pelas suas características os Movimentos, segundo os analistas, oferecem uma porta de entrada (para alguns: a única) do catolicismo na nova classe média urbana, adaptada à condição dos leigos, oferecendo o que mais essa classe busca: segurança, identidade, razão de ser. Definem-se como 'supralocais', ou seja, vão além do território da paróquia, da diocese. São 'supraterritoriais'.”

(Maria Clara Lucchetti Bingemer - Teóloga)

Fonte: http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=1881&cod_canal=44

O CATOLICISMO POPULAR

A religiosidade popular nasce de baixo, como um modo específico, peculiar, de viver a fé, em correspondência às necessidades/possibilidades dos fiéis em uma determinada condição (classe, região, pensamento, devoção, fase histórica...).

É repleto de gestos expressivos do ato religioso do povo, podendo contrariar, bem como ser assimilado e enriquecer, a prática religiosa formal.

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

Nasce na década de 60 com Gustavo Gutiérrez a partir da realidade latino-americana.

Provoca grande polêmica com a Igreja por associar o cristianismo a questões políticas e sociais concretas. A luta por justiça social é tido por um dos compromissos mais fortes da fé cristã.

O valor mais importante e legítimo, nascido da Teologia da Libertação e assumido pela Igreja latino-americana, é a opção preferencial pelos pobres.

O teólogo brasileiro e ex-frade franciscano Leonardo Boff é um dos formuladores do movimento. Ele admite o emprego das teorias marxistas na análise do atraso das sociedades do terceiro mundo. Essa posição, apoiada por outros teólogos e sacerdotes, o leva a um conflito com setores da Igreja. Em 1984 é condenado pelo Vaticano ao silêncio por um ano, sendo proibido de se manifestar publicamente como punição pelas ideias do livro *Igreja, Carisma e Poder*. Em 1992, ao ser condenado a novo período de silêncio, Leonardo Boff renuncia ao sacerdócio.

CENÁRIOS DA IGREJA

Igreja Instituição	Igreja dos Carismas
Centrada na hierarquia (Papa, Bispos, Padres)	Centrada nos carismas / Milagres
Reforçar a instituição / Uniformidade	Formar o clero para as mídias / Massificação
Doutrina baseada no Magistério / Dogmática	Intelectualidade de lado (Escritos espirituais)
Liturgia tradicionalista	Subjetividade e emotividade
Leitura apologética da Bíblia	Leitura existencial e fundamentalista da Bíblia
Rigidez nos esquemas (Direito canônico)	Elemento místico / Surto religioso
Moral conservadora bem estabelecida	Flexibilidade nas estruturas
Igreja da Pregação	Igreja da Práxis Libertadora
Centralidade da Palavra	Centrada na opção pelos pobres
Conhecimento bíblico	Protagonismo dos leigos / Mártires
Anúncio - Ensino - Catequese - Missão	Atuação social
Leitura leiga da Bíblia	Leitura popular da Bíblia / Fé e Vida
Grupos bíblicos	Comunidades eclesiais de base
Superação do sacramentalismo / devocionismo	Inculturação
Qualificação das pessoas / Risco de exclusivismo	Moral social

A VERDADEIRA PRÁTICA CRISTÃ:

“Jesus falou estas coisas ensinando na sinagoga, em Cafarnaum. Muitos discípulos que o ouviram disseram então: Esta palavra é dura. Quem consegue escutá-la? Jesus disse aos Doze: Vós também quereis ir embora? Simão Pedro respondeu: A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna.” João 6,59-69

“Cuidado com os falsos profetas e com as falsas promessas!” Mt 7,15-23

- Exigências do Evangelho;
- Testemunho de vida;
- Prática coerente com a fé;
- Profetas que 'incomodam';
- Espiritualidade não é modismo;
- Nunca se deixar alienar diante da realidade;
- Senso de pertença à Igreja (comunhão);
- A referência é sempre Cristo, sua Palavra e Prática;

O IMPORTANTE É:

- Saber discernir!
- Aprender a conviver, dialogar e respeitar!
- Lutar contra a busca por poder e privilégio mesmo no interior da Igreja!
- Opção pelos excluídos, segundo a prática libertadora de Jesus!
- Denunciar toda mentira/injustiça/opressão/hipocrisia quando preciso!

O ECUMENISMO...

“...Que Todos Sejam UM...” Jo 17,21-23

Ecumenismo é o processo de busca da unidade. O termo provém da palavra grega "oikos" (casa), designando "toda a terra habitada". Emprega-se o termo para os esforços em favor da unidade entre igrejas cristãs. É a aproximação, a cooperação, o diálogo, a busca fraterna da superação das divisões entre as diferentes igrejas.

ÖIKOUMENE (grego) = Toda a Terra, o Universo, Nossa Casa Comum.

“No essencial, unidade; no accidental, diversidade; em tudo, caridade” (Sto. Agostinho)

“É muito mais o que nos une do que aquilo que nos separa!” (Papa João XXIII)

“Quem não está contra nós, está a nosso favor...” Mc 9,38-40

...E DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

“Deus não faz distinção entre as pessoas, mas aceita quem o teme e pratica a justiça, não importa a nação a que pertença...” At 10,34-35

Diálogo Inter-Religioso consiste no diálogo e relacionamento da Igreja com outras denominações religiosas não cristãs (*Como Judaísmo, Islamismo, Hinduísmo, Budismo...*)

Visa também a cooperação, a convivência pacífica e a superação fraterna de antigas rivalidades e conflitos.

BIBLIOGRAFIA

Tendências Religiosas do Mundo Contemporâneo:

Pe. João B. Libânio, sj. Revista Vida Pastoral, maio-junho 2009, ano 50, nº 266.

O Paradoxo do Fenômeno Religioso no Início Do Milênio

Pe. João B. Libânio, sj. Revista Perspectiva Teológica, 2002, vol. 34, nº 92.

<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/viewFile/642/1065>

O Ressurgir Pentecostal: Um desafio para a pastoral e a teologia

Editorial. Revista Perspectiva Teológica, 1996, vol. 28, nº 76.

<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/911/1341>

O Caminho: Ensaio sobre o seguimento de Jesus

Pe. José Comblin. Editora Paulus, 2004

Cenários da Igreja

Pe. João B. Libânio, sj. Editora Loyola, 1999.

Religiões no Brasil:

Enciclopédia Livre Wikipedia.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Religi%C3%B5es_no_Brasil

Igreja Particular, Movimentos Eclesiais e Novas Comunidades.

Coleção Subsídios Doutriniais. Edições CNBB.

Disponível em:

http://www.cnbb.org.br/site/component/docman/cat_view/269-subsidio-doutrinal

Teologia dos Movimentos:

CNBB. Comissão Episcopal de Doutrina.

Disponível em <http://www.veritatis.com.br/article/461>

Catecismo da Igreja Católica:

2111-2128 (Superstição, ateísmo, agnosticismo)

1674-1676 (Catolicismo popular)

811-822 (Ecumenismo)

839-848 (A Igreja e as outras religiões)

Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica:

Documento 53 da CNBB - "Série Azul"

Disponível em: http://www.cnbb.org.br/documento_geral/LIVRO%2053-.pdf

Jesus Cristo Portador da Água Viva. Uma reflexão cristã sobre a "Nova Era":

Pontifícios Conselhos para a Cultura e para o Diálogo Inter-Religioso.

Edições Paulinas, Março de 2003.

Intervenção do Cardeal Paul Poupard na Apresentação do Documento à Imprensa:

http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/index_po.htm

Desmascarando o Código Da Vinci: Você viu a ficção, agora verá os fatos:

James L. Garlow e Peter Jobes. Editora A.D. Santos, 2004.

TENDÊNCIAS RELIGIOSAS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Pe. João B. Libânio, sj

O cenário atual refrata em muitas cores a intensa luminosidade religiosa. A pluralidade de expressões desafia-nos a análise e deixa as pessoas perplexas no exercício da escolha. Comparam-na com um supermercado que oferece abundante diversidade de produtos.

1. Anúncio da morte da religião

Tudo começa com o declínio rápido da prática religiosa em dois setores importantes da sociedade: os intelectuais e os trabalhadores urbanos. Com tristeza, Pio XI (1922-1939) olhou para o mundo e disse: “A igreja perdeu a classe operária”. Intelectuais de peso da modernidade, a partir sobretudo do século XVIII, com Holbach e os Enciclopedistas, com maior vigor no século XIX, com L. Feuerbach, K. Marx e F. Nietzsche e, em crescendo, no século XX, com S. Freud e os existencialistas ateus, até o atual novo ateísmo de D. Hawkins, S. Harris, F. S. Collins, C. Hitchens, A. Comte-Sponville, L. Ferry e M. Onfray, decretaram a morte definitiva de Deus, vendo a religião como delírio, ilusão, absolutamente inútil, engodo, instrumento inescrupuloso de dominação de religiosos, compensação, projeção.

Como se não bastasse, nos próximos arraiais das religiões institucionais, a secularização devastava a piedade, as práticas religiosas, o culto, a frequência às igrejas, a fim de definir uma fé pura, arreligiosa, secular, puramente humanistas. Sem renunciar à fé em Jesus Cristo, proclamava-se um “cristianismo ateu”. Enfim, o panorama religioso se reduzia a rincões rurais, a camadas sociais apenas tocadas pela modernidade.

2. O quadro religioso plural

2.1. Em geral

P. Berger já vislumbrava na avalanche antirreligiosa o mover-se de anjos. Em pouco tempo, parecia uma banda de heavy metal a ferir os tímpanos da cultura ocidental secularizada e atea.

Na década de 1990 para a frente, começa a agitar-se a barulhenta mobilização religiosa que cresce até nossos dias, em que pese a arrogância de ateus e a onda consumista materialista.

A modernidade destruidora dos valores religiosos e a pós-modernidade desregrada no campo moral estão a produzir a reação fundamentalista nas diversas religiões. No meio católico, movimentos neoconservadores respingam-se de borrifos fundamentalistas. Atêm-se à rigidez da lei, à literalidade do texto religioso ou canônico, à submissão incontestante às autoridades, com culto aos líderes. A insegurança provocada pela perda das referências básicas de vida, de valores, por obra da modernidade e da pós-modernidade, aninha-se bem em posições fundamentalistas. Em relação ao fundamentalismo islâmico, some-se a ele a conjuntura política que o açula. A modernidade secularista carrega-se, para ele, de cores agressivas à totalidade do universo: religioso, cultural, racial, político. E, do lado ocidental, escondem-se interesses econômicos e bélicos inconfessáveis sob o mesmo manto fundamentalista.

O complicador econômico, político, étnico e cultural torna o fundamentalismo muçulmano, palestino, judeu extremamente explosivo. A lucidez analítica percebe os ingredientes não religiosos. Mas as camadas populares assumem-no como um todo indivisível. Por isso H.Küng tem batalhado pela tese: “Não haverá paz no mundo sem paz entre as religiões”.

O pentecostalismo surge como imenso continente. Entramos no coração do fenômeno religioso. H. Cox celebrara, no final da década de 1960, a cidade secular e reconhece agora, na virada do milênio, que a espiritualidade pentecostal se arvora em fato de relevância única para a compreensão da cultura atual. Afirma que ela está a reconfigurar a religião. Analisemo-la.

2.2 Cenário religioso brasileiro

No cenário brasileiro, a evidência do crescimento das igrejas pentecostais e neopentecostais impõe-se à mínima observação. Basta andar com olhos abertos por bairros das periferias e ir observando, nas esquinas e ruas, o brotar crescente de novas igrejas. O censo 2000 do IBGE aponta para diversificações e fragmentação no campo religioso. A porcentagem de católicos diminuiu, entre

1991 e 2000, de 83,3% para 73,9%, enquanto os evangélicos cresceram de 9% para 15,6% numa dispersão incalculável de denominações.

O panorama pentecostal e neopentecostal revela enorme pujança na igreja Universal do Reino de Deus e na igreja Internacional da Graça de Deus. Na análise do especialista R. Mariano, a IURD cresce na base de um templo por dia. Possui rádios, canal de TV. Já dispõe de milhares de templos além das fronteiras do Brasil. Aponta-lhe a seguinte qualidade de êxito: inserção na mídia e na política partidária, competência administrativa, capacidade de mobilizar milhares de fiéis. Outro estudioso chama a atenção para a relevância do demônio nos discursos e cultos e cultos da IURD. O bispo Macedo é visto como quem “conhece todas as artimanhas demoníacas. Seu freqüente contato com praticantes de espiritismo, nas suas mais diversas ramificações, faz com que seja conhecedor da matéria”. A exploração do demônio ancora-se em substratos profundos da cultura brasileira. Daí seu êxito. Guimarães Rosa manifesta perspicácia ao trabalhar a presença mítica do demônio na religiosidade popular em tensão com a razão.

“O que não é Deus, é estado do demônio. Deus mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa existir para haver”. E as denominações pentecostais e neopentecostais exploram ao extremo esse traço religioso popular.

No Brasil, a onda religiosa liberalizante permitiu manifestação autônoma das religiões afro-brasileiras, umbanda e candomblé. Até então existiam com freqüência em amálgama sincrético com o catolicismo. A estrutura refletia o pensar religioso africano, e os termos religiosos eram hauridos do dicionário católico. Cresce o vigor desses cultos afro-brasileiros.

Acrescente-se a entrada de religiões de corte oriental. Embora estatisticamente não avulte, mostra a sede de expressões religiosas diferentes. Multiplicam-se cursos livres sobre meditação transcendental, ioga, zen-budismo. Organizam-se viagens turísticas de alto nível cultural-religioso em que os participantes, antes de visitarem a Índia ou outras regiões orientais, seguem ciclos de palestras e vão com guia de nível universitário. Durante a viagem, os turistas não só visitam lugares sagrados importantes, mas também se adentram em seus rituais, orientados por mestres. Faz-se questão de mostrar a diferença dessa experiência para o turismo puramente de curiosidade, sem comprometimento religioso. Cresce a procura por peregrinação a santuários e lugares sagrados.

Com maior consistência e presença na Europa, desenvolvem-se formas religiosas neopagãs. Os sentimentos motores de tal busca manifestam certa ambivalência. Revelam cansaço com as formas cristãs de viver a religião, considerando-as por demais restritivas em relação aos prazeres da vida presente. Creditam ao cristianismo a espiritualização do corpo e das realidades terrestres com laivos de desprezo gnósticos da matéria. Os neopagãos pretendem reencontrar a “inocência” primeira do culto aos deuses e deusas anterior a dominação do cristianismo. Associam-se também interesses ideológicos, racistas e neoconservadores, ao acusar o cristianismo de igualitarismo, de culto à pobreza e até mesmo de estar na origem da Declaração dos Direitos Humanos, de toque social e socializante. Mas uma vez, a religião se imiscui em fatores políticos e ideológicos de corte direitista.

Há um campo cinzento em que a tintura religiosa se mistura com práticas parareligiosas de teosofia, antroposofia, rosacruzianismo, maçonaria, magia, ocultismo, gnosticismo, astrologia, adivinhação, esoterismo. E, em outros momentos, recorre-se a práticas corporais em que a posição do corpo, o controle da respiração e da postura se articulam com exercícios mentais e espirituais. Mistura-se ginástica com espiritualidade. Une-se a febre de academias com o interesse de atitudes anímicas superiores.

2.3 Concílio Vaticano II: divisor de águas

No mundo católico, o quadro religioso reproduz, a seu modo, a pluralidade de formas religiosas. O grande divisor de águas foi o concílio Vaticano II. Após ele, na igreja católica desenharam-se várias figuras católicas. Um grupo minoritário, que está a ganhar força, reagiu às suas inovações e se ateve fundamentalmente ao imaginário religioso tridentino, reforçado pelo vaticano I. A figura de monsenhor Lefebvre tornou-se emblemática. E, no Brasil, tivemos seguidores na Diocese de Campos.

Um grupo, no início hegemônico, desencadeou profunda reforma na igreja em várias direções. O movimento teológico trouxe a fé e a teologia de volta às fontes bíblicas e patrísticas; o movimento litúrgico valorizou a participação, a experiência existencial, a dimensão comunitária, a perspectiva pascal da liturgia; o movimento eclesial superou a eclesiologia da sociedade perfeita e do Corpo Místico, de cunho corporativo, em prol da eclesiologia do povo de Deus; o movimento dos leigos hauriu de Ação Católica especializada a convicção de seu protagonismo; o movimento ecumênico e o diálogo inter-religioso e com os não-crentes abriram a igreja católica para as diferentes posições cristãs, religiosas e humanistas, com destaque para a liberdade religiosa; o movimento de teologia moral se livrou do formalismo e dialogou com os problemas da modernidade; o movimento missionário incentivou a inculturação, o respeito às culturas; o movimento social pôs a igreja em diálogo com o mundo moderno e até com o socialismo. Numa palavra, o Concílio Vaticano II significou, sob certo aspecto, uma reconciliação com o mundo moderno.

2.4. Nas pegadas de Medellín

Na América Latina, firma-se outra figura propugnada por Medellín e seguidores. O quadro religioso articula-se com a problemática social de modo intenso e íntimo. Faz-se a opção pela libertação dos pobres, ao reconhece-los como sujeitos evangelizadores da igreja e transformadores da sociedade. Cria-se imaginário coletivo de compromisso libertador com os pobres. Acentua-se a dimensão profético-crítica em face da realidade social na perspectiva do pobre (luta em defesa dos índios, dos sem-terra e posseiros, do direito de greve dos operários). Sofrem-se perseguições por parte dos regimes militares autocráticos, até o martírio de muitos membros, sendo o monsenhor Oscar Romero símbolo vivo desse compromisso e testemunho. Assiste-se ao surgimento de comunidades eclesiais de base (CEBs), onde se pratica a leitura popular e militante da Escritura, em círculos bíblicos, com base no método desenvolvido por Carlos Mesters. Criam-se novos ministérios leigos, sobretudo nas CEBs.

Na vida religiosa institucional, muitos deixam as grandes obras e inserem-se no meio dos pobres. Elabora-se consistente teologia da libertação originária do continente, e não mero reflexo da europeia. As celebrações litúrgicas assumem expressões de compromisso social: “romarias da terra”, “celebrações em defesa dos direitos humanos” etc. Igrejas particulares escrevem documentos de alto teor crítico sobre temas sociais. Desencadeia-se, na pastoral, amplo movimento de conscientização política e de educação popular libertadora, à base da pedagogia de Paulo Freire e do uso, na pastoral, do método indutivo do ver analítico, do julgar teológico e do agir pastoral. Em resumo, a partir de Medellín, a igreja da América Latina firma alguma opção que a caracterizam não estatisticamente, mas simbolicamente. A tendência libertadora afeta o conjunto da teologia, da liturgia, da catequese e da prática pastoral.

2.5. Renovação Carismática Católica

Mais recentemente, desenha-se o perfil carismático. Nasce da revivescência espiritual do Vaticano II. Não segue a pujança renovadora no espírito crítico de diálogo com a modernidade, nem a linha literária e face da situação de opressão dos pobres, nem mesmo resiste às mudanças no espírito do tradicionalismo tridentino. Constitui nova figura de presença da igreja católica no momento atual, A renovação Carismática Católica (RCC) oferece a expressão mais acabada do “carismatismo”.

2.5.1 Experiência de oração e o batismo no espírito

Estrutura-se com base e “experiências de oração no Espírito”. Portanto, duas coordenadas fundamentais orientam tal caminhada: oração e Espírito Santo. A vida comum é envolvida, pouco a pouco, por um clima de oração que lhe dá sentido, explicação, ânimo. E tal oração se manifesta na repetição de pequenas invocações que prendem a mente e criam clima espiritual. Os termos “aleluia”, “amém”, “graças” e semelhantes polvilham as orações. E como pano de fundo está a convicção de que o Espírito Santo perpassa todas as coisas e atividades.

A referência à ação do Espírito, de modo especial na oração de louvor, oferece sentido para as horas tristes e felizes. Desvia o olhar da realidade, na sua crueza analítica, para o horizonte consolador do Espírito, louvando a Deus. O real perde importância, na sua dureza, para valer mais a interpretação

espiritual. O louvor tem a força de transfigurar positivamente todas as realidades. Essa atitude permanente de louvor desencadeia enorme energia de vida. Nada abala o caminhante, porque vive, na prática, o retrato da vida no Espírito traçado por São Paulo na epístola aos Romanos (Rm 8,1-39). No centro está o batismo no Espírito, por meio no qual se inaugura vida nova. Conjuga o antigo e o novo, dando novo sentido a toda a vida por verdadeira conversão, ao transformar todas as trevas em luz. A figura do Espírito santifica e embeleza todas as realidades ao permeá-la.

O batismo no Espírito se concretiza na vida do peregrino carismático, por meio de sinais visíveis dos carismas, dos dons, da irradiação pessoal que possui. Azeita a engrenagem da existência. A vida flui com leveza interior, mesmo que o exterior pese. Atribui-se à força do Espírito a diluição da virulência dos embates externos.

A atração de tal caminho espiritual cresce pela via do contraste. Não foi em vão que uma de suas últimas fontes de animação viesse do confronto entre a vida no Espírito e a droga. Grupos carismáticos nasceram na universidade norte-americana como resposta cristã à loucura da droga. Com certa ironia, alguém escrevia: o Espírito, a última droga. Deixando de lado o aspecto grotesco da afirmação, há nela profunda verdade sobre a escolha de tal trajetória.

A droga pretende arrancar o jovem da dureza da vida, tanto dos problemas interiores-depressões, falta de sentido, vazio existencial- quanto da violência competitiva do mundo profissional. Aliena-o totalmente no transe químico, no fugir da realidade para viajar pelas paisagens alucinantes. Por sua vez, o Espírito experimentado nos grupos de oração e reforçado no batismo no Espírito possibilita ao jovem a experiência sadia de encontrar sentido a enfrentar os mesmos desafios sem a alienação da droga. O jovem adquire coragem e ânimo na experiência espiritual.

2.5.2. Difusão social da RCC

A RCC, a princípio, tocou as classes médias, mas atualmente se difunde também no meio popular, sobretudo depois que ampliou a presença nos meios de comunicação social: imprensa, rádio e TV. Ela oscila entre pólos. Ora se atém estritamente ao aspecto institucional católico, ao demonstrar incontestemente fidelidade ao magistério pontifício, ora extravasa em formas litúrgicas e de oração fora dos moldes oficiais. Apóia-se no respaldo romano e choca-se com normas pastorais de determinada diocese ou paróquia. Protesta comunhão com Roma, mas prescinde de diretivas locais. Ora a pertença à RCC revela fluidez, escolha em múltiplas expressões, ora se insiste no caráter de identidade católica irrenunciável. Ora imerge na diluição indefinida, ora se atém a certezas no meio de tantas ofertas e do caos pós-moderno de valores e sentido.

O entusiasmo e apoio refletem tal ambivalência. Roma, parte do episcopado e dos fiéis oferecem respaldo. E outra parte mantém restrições. Os analistas divergem na percepção prospectiva da RCC. Uns detectam sinais de declínio, enquanto outros a vêem ainda florescente. Os movimentos de natureza carismática carregam dentro de si a característica de serem exuberantes nos inícios, arrefecerem aos poucos, mas, de repente, produzirem novo surto de vitalidade.

2.5.3. A RCC e a pós-modernidade

A RCC responde a várias características da pós-modernidade. Conjuga, ao mesmo tempo, um espaço de liberdade, de autonomia, de experiências existenciais subjetivas, de primazia da emoção, em busca de sentido para a vida, com formas tradicionais religiosas-terço, oração, missa- de submissão ao reino de Deus, além do uso de recursos tecnológicos da modernidade avançada. Insere-se bem no contexto de extrema valorização do sujeito, de suas escolhas no meio de mudanças, do dinamismo e da pluralidade religiosa caleidoscópica, como proposta nova, viva, criativa e pessoal. Oferece aconchego comunitário numa sociedade duramente flagelada pelo anonimato, pelo isolamento e pelo individualismo. Ajuda as pessoas a superar a solidão e a tristeza, ao proporcionar encontros calorosos afetivamente.

Pós-modernos na afetividade, antimodernos na entrega ao poder transcendente sem problemas. Estabelece-se um jogo entre rastros pré-modernos de submissão e de acatamento do transcendente e a experiência afetiva consoladora da pós-modernidade. O clima de liberdade e obediência, de proximidade de Deus e transformação interior, associa-se com um dos traços mais importantes do louvor a Deus. Este lubrifica todas as engrenagens da vida. “Não nos devemos preocupar com coisa

alguma que não seja LOUVAR AO SENHOR (o que nos dá abertura para a ação do divino Espírito Santo)”; “Agora, sim, encontrei Deus e descobri que o grande sentido da vida humana é o louvor do Senhor”. Vemos, por breves testemunhos de carismáticos, a distância de tal experiência de uma modernidade conquistadora, transformadora, na direção da pós-modernidade frutiva. Só que a fruição aqui se concentra na experiência e presença de Deus e não nos prazeres dos cinco sentidos.

2.5.4. O tema da libertação

O tema da libertação aparece, mas desloca-se o acento para o interior da pessoas: “Jesus me libertou de uma tristeza crônica que havia muito tempo me dominava. Libertou-me de um problema moral que estava me destruindo”; “Eu tinha muito medo do escuro, mas Jesus Cristo me libertou desse mal”; “Fui curado psiquicamente: fobias, complexos, escrúpulos e libertou do pecado (força maior para vencer)”; “Eu era escravizado pelo jogo de baralho. Eu sentia vontade e necessidade abandonar e não tinha jeito. Fui libertado graças a Deus”; “Eu era muito tímido, me julgava inferior a todos, não tinha coragem de me abrir com ninguém, tinha muito trauma de infância, mas, depois que fui libertado pela cura interior, me senti outro, pude sentir que sou útil para Deus e insubstituível para ele”. A libertação interior atinge desde pequenas fobias de escuridão até pecados pesados do passado.

2.5.5. Aspecto comunitário e presença do líder

A pós-modernidade religiosa articula, com certa inteligência, o lado individual, existencial, com o calor comunitário. A RCC se tornou mestra nessa proposta existencial. Volta-se, em primeiro lugar, para experiências pessoais, individuais, como vimos acima: de oração e batismo no Espírito, de gestos de louvor, de amor, de avivamento interior, de libertação etc. Para alimentar e aprofundar tais vivências, vêm ao encontro os grupos de oração, as pequenas comunidades de vida. Em muitos deles, existe um líder que oferece maior segurança num caminho por si mesmo extremamente pessoal e subjetivo. A objetividade do orientador e coordenador da comunidade facilita a caminhada, tanto estabelecendo regras, orientações diretas, quanto partilhando uma experiência antiga e trabalhada. Ele oferece também apoio e credibilidade legitimadora para os sequazes do mesmo caminho. A ligação interna se faz menos pela proposta intelectual do que pelos laços afetivos de confiança mútua criados entre todos e, de modo especial, com o guru.

A beleza e a atração do itinerário carismático conjugam duas expectativas e buscas da pós-modernidade. De um lado, a individualização levada ao extremo. Que ninguém se meta no caminho escolhido com injunções autoritativas. Mas, de outro lado, a solidão da liberdade individual pesa muito. O caminho carismático facilmente se encontra com comunidades lá onde e enquanto se vivem a liberdade, a espontaneidade, a realização dos desejos espirituais e a possibilidade de partilhar a originalidade da própria experiência espiritual em contexto de afinidade e partilha pessoal, onde a partilha da experiência de um serve de conformação e legitimação para a experiência dos outros.

2.5.6. Surto espiritual numa sociedade pós-cristã

Chama a atenção que aconteça tal mobilização espiritual numa sociedade que se proclama secular, laica e até anticristã.

Precisamente neste momento, a onda carismática católica mostra vigor. Ela canaliza aspirações difusas presentes na sociedade, ao agrupar seguidores em comunidades. O clima carismático vai além da simples Renovação Carismática Católica. Mobiliza e ativa seguidores em outros movimentos de natureza similar. Ele baliza-lhes a trajetória, sem com isso trazê-los necessariamente a alguma instituição eclesial oficial.

Embora a via carismática se apresente, em termos religiosos, estatisticamente significativa, de fato, no âmbito social, não possui relevância. A cultura secularista prossegue avançando no campo político, econômico e cultural. E, se a proposta carismática alcança a mídia, isso ocorre pelo lado da notícia, do folclore, da exotividade cultural, e menos por causa de proposta séria a ser seguida e vivida. A exacerbação carismática afetiva contrabalança a fraqueza social e a minguada repercussão intelectual na conformação da cultura. Os peregrinos de tal via defendem-se da desagregação e fragmentação pós-moderna com a afirmação da própria escolha. Não lhes interessa tanto a credibilidade cultural externa, mas, antes, a intensidade emocional do caminho tomado.

2.5.7. Caráter peregrino e liberdade em face do institucional

D. Hervieu-Léger, ao estudar a religiosidade atual, chamava a atenção para o caráter peregrino do trânsito de uma forma religiosa a outra na busca de “tempos fortes” e “lugares altos” para sentir-se bem. A RCC trabalha nessa perspectiva.

A trajetória carismática privilegia o bem-estar dos indivíduos. A vida comunitária serve como apoio. Desde o momento em que uma comunidade já não responde aos anseios dos membros, com muita facilidade a deixam, seja para migrar para outra, seja para prosseguir o caminho por conta própria. Com certa ironia, alguém dizia que algumas comunidades carismáticas parecem ônibus circular: sempre cheio, mas não com as mesmas pessoas. Frequenta-as quem e enquanto delas necessita e tira proveito. Faz parte dos estados altamente afetivos e de desejos livres intensos não gozar da estabilidade que a razão e o compromisso atestam. O segredo consiste em manter tal clima emocional entre os membros. A instabilidade das comunidades ameaça o prosseguimento do caminhar de muitos pela via carismática.

Esse caminho carismático prescinde, em grande parte, das estruturas eclesiais, dos lugares institucionais administrados pelas igrejas, para participar de “uma nebulosa de pequenos grupos e redes conectadas, de maneira flexível, a estruturas organizadas: movimentos espirituais, comunidades novas, ‘novas paróquias’ coordenando iniciativas largamente autogeridas, ONGs cristãs, centros de devoção ligado a lugares de peregrinação etc.”, observa D. Hervieu-Léger, ao falar da França. Vale em parte, em nossa realidade para os que caminham pela via carismática. A rotina das práticas religiosas que as religiões institucionais prescrevem se vê substituída por momentos intensos de celebração, de vivências religiosas, em dias e festas inventadas pela criatividade dos fiéis ou de líderes. Estes rompem o ritmo da vida ordinária, tanto a secular como a rotina religiosa institucional. Faz lembrar aquele jovem, ao ser abordado por uma jornalista que lhe perguntava que faria dali a dez anos: “Mulher, eu nem sei o que vou fazer no fim de semana e você me pergunta daqui a dez anos?”.

A mobilidade atual ocorre por dois fatores que somam. As conjunturas sociais e econômicas, de trabalho e de estudo impõem-se de fora. Mas acrescenta-se a elas a liberdade reivindicada pelas pessoas de escolher aqueles “tempos quentes” e “espaços altos” de seu agrado. Aqui funciona a lógica da afinidade pessoal no tempo e no espaço, e não mais a institucional, que os regulamenta.

2.6. A Nova Era

Permeia esse quadro a Nova Era. A New Age ou Nova Era Exprime um surto de espiritualidade das mais diferentes modalidades. Lança suas raízes bem longe. O termo inglês já está a dizer nos que sua origem são os Estados Unidos.

O musical americano Hair, com a famosa canção “Aquarius”, anunciava essa “nova era”, espelhando-se nos astros e vendo reinar a paz e o amor. Tempo de Aquário. Talvez naquele momento não tenhamos percebido que estava surgindo novo movimento espiritual. Aquário é o signo zodiacal que se segue a Peixes. Como peixe é símbolo de Jesus Cristo, com essa “nova era” se quer anunciar a superação do Jesus Cristo do evangelho em proveito de novo clima espiritual mais difuso e vago. Aí a pessoa de Jesus assume outra função, como aparece nas peças de teatro Jesus Cristo Superstar e Godspell e na canção “Jesus Cristo” de Roberto Carlos. Essa onda mistura os elementos mais diversos: cristianismo, religiões orientais, animismo, magia, ocultismo, terapia espiritual, visão holística ou de totalidade da realidade, reencarnação, traços naturistas de corte ecológico etc.

A nova Era exprime, pois, esse sentimento e desejo religioso vago de pessoas sequiosas de realidades espirituais, transcendentais, por sentirem-se sob o peso do materialismo, do consumismo e do cientificismo da cultura atual.

O elemento de alívio psicológico assume importância. Muitos entraram nesse movimento atrás de ajuda psicológica, de solução para seus problemas humanos interiores, desde a falta de sentido para a vida até a dependência de drogas. Há uma procura da “cura” de doenças psicológicas que muitas vezes têm repercussões no corpo. E, à medida que as pessoas se vão sentindo melhor, mais elas se adentram nessa onda. A Nova Era tem dado sentido espiritual à vida que até então era vista

unicamente de modo materialista. Atua no nível psicológico, ao curar as pessoas de seus problemas psíquicos ou, pelo menos, trazendo-lhes alívio. Oferece-lhes uma visão de totalidade num mundo extremamente fragmentado e promete-lhes uma ampliação da mente para além do mundo sensorial comum. Não raro, sugere teorias reencarnacionistas, ao criar a ilusão da volta a esta terra como alívio diante do medo da morte e do peso da culpa. Serve de consolo pela perda de entes queridos, sobretudo quando de maneira precoce. Vem em ajuda de pessoas que sofrem de carência afetiva, de problemas pessoais, de solidão, para suavizar-lhes a cargas afetivas. Trata-se de proposta espiritualista vaga.

3. Conclusão

O quadro religioso facilmente nos induz a equívocos. Cabe desfazer-los. O processo de secularização não estancou. Continua. Ele mostra nova face. Benedetti, com base na lembrança de huizinga sobre o declínio da Idade Média, compara-o ao momento atual como seu avesso. Lá, no ambiente religioso, conviveram glotonarias, bebedeiras, sexo embalado pelas melodias da tradição mais sagrada da música cristã, como o “Tantum ergo”. Tratava-se de paródia blasfema que punha lado a lado o lamento de amantes infelizes e hinos à virgem. Tão religioso era o ambiente, que se passava às perversidades morais com moldura sagrada. Mais tarde, no Renascimento, a sagrada Cúria romana conheceu bacanais num continuum. Hoje se dá o inverso. No todo secular, do mundano, do consumismo midiático, o religioso entra qual ingrediente a mais, sem autonomia e real consistência. Não se sabe se temos um carnaval religioso ou uma religião carnavalesca. O desfibramento religioso parece acontecer.

Pastoral lúcida não embarca facilmente na ilusão da volta do sagrado, mas que dar respostas, cabe ao cristão ler a realidade religiosa atual à luz da fé como obediência à palavra de Deus e seguimento do Jesus histórico. O último critério não vem da experiência do Espírito, a qual não raro nos ilude, mas do seguimento do Jesus histórico, comprometido com o Reino de Deus, anunciado primeiramente aos pobres. A tradição da libertação, mesmo sem a exposição midiática de décadas anteriores, continua a apontar corretamente o caminho de discernimento das tendências religiosas atuais na dura linguagem paulina: “Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado” (1Cor 2,2); “Nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios” (1Cor1,23); “quem ousar pregar outro Cristo: seja anátema”(Gl 1,8).

Fonte: Revista Vida Pastoral maio-junho 2009 ano 50, n. 266

TEOLOGIA DOS MOVIMENTOS

Muitos bispos pediram que a Comissão Episcopal de Doutrina estudasse a Teologia de alguns Movimentos, presentes hoje nas nossas comunidades. A CED analisou, seguindo autores dos próprios Movimentos, os conteúdos teológicos. E apresenta aqui esses estudos e uma avaliação teológico-pastoral. Esta avaliação, colocada após o estudo de cada Movimento, é tirada, em seus aspectos positivos e negativos, da bibliografia consultada e disponível. Analisar mais profundamente as linhas doutrinárias exigiria um trabalho a ultrapassar os limites desta comunicação. Também não foi possível examinar todos os movimentos pelo número e variedade existentes. Desta vez nos limitamos aos que nos foram solicitados.

COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

1. HISTÓRICO.

O nascimento do movimento, em Milão no ano de 1954, coincide com o surgimento da presença cristã nas escolas secundárias, denominado "Juventude Estudantil", em parte ligado à Ação Católica. Seu grande inspirador e ainda hoje seu coordenador é o Pe. Luigi Giussani, então professor do Liceu Berchet, que desejava ajudar os jovens a manifestar-se decisivamente cristãos em seu ambiente e unir-se entre si para crescer na fé e praticar a caridade.

Cultura, fé e caridade foram as diretrizes maiores da Juventude Estudantil por 10 anos. Pelo ano de 1964, o Movimento passa por uma crise, acontecendo êxodo da instituição, que culmina em 1969, quando é reformulado com o nome de "COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO".

2. LINHAS DOUTRINAIS.

1. Essência do anúncio cristão. O Movimento sublinha ser essencialmente o cristianismo não uma teoria, filosofia ou projeto de vida, nem uma praxe, no sentido de normas e ritos, aos quais o homem se conforma mediante um esforço moral. O cristianismo é essencialmente acontecimento, o acontecimento de Deus que irrompe na história na pessoa de Jesus Cristo para salvar o homem e a realidade. Este acontecimento e, conseqüentemente, a pessoa de Jesus Cristo, é a única possibilidade de verdadeira vida e de libertação adequada do homem. Sem Cristo, o homem é incapaz de superar a contradição entre a necessidade profunda de libertação, isto é, de relação nova, harmônica consigo mesmo, com os outros homens e as coisas, e as insuficiências e limites de suas realizações concretas.

O homem tem necessidade de alguém "diferente", capaz de mudá-lo no ser. Este alguém é Cristo na sua morte e ressurreição. Ele toma posse definitiva de toda a realidade e a transforma. Portanto, só a comunhão com Cristo é princípio de verdadeira liberdade e harmonia com toda a realidade.

Tarefa do homem é a fé. Com ela, abre-se, acolhe e dá crédito ao acontecimento misericordioso de Deus, que vem ao seu encontro em Jesus Cristo. Por meio do ato de fé, o acontecimento de Deus encontra, objetivamente, a liberdade do homem e o transforma num ser novo. Mas tal atitude é impossível sem conversão e contrição profundas. Admitir lucidamente que a salvação e a libertação vem do Outro e que a essência da própria vida consiste nessa relação de dependência estrutural do Outro, é fruto de um evento e dom gratuitos, que exigem esvaziamento radical de si e afastamento de toda presunção.

O homem não é o protagonista da sua vida. Sua vida não é constituída e construída por planos e empreendimentos da sua humanidade, inexoravelmente manchados pela ambigüidade, mas a base de sua identidade está em ser amado, tenaz e fielmente, por Deus em Cristo.

2. A realidade Igreja. Se Jesus Cristo é a única resposta autêntica e exaustiva, o homem só pode encontrar resposta na Igreja. A Igreja é o âmbito no qual, por vontade positiva do Senhor, o evento salvífico e libertador reacontece continuamente ao longo da história. O homem encontra Cristo dentro do sinal-Igreja. Por isso é necessário que a realidade Igreja se ramifique e multiplique sua presença. As comunidades da "Comunhão e Libertação" têm este objetivo exclusivo: tornar-se ambientes nos quais a Igreja vive. Em particular, o Movimento orientou sua atenção na importância das comunidades cristãs ambientais, onde o indivíduo está inserido. A escola e o trabalho são 2 ambientes, onde a CL intensificou sua atividade.

Como Cristo é a resposta definitiva à necessidade de libertação do homem e o encontro com Ele

acontece normalmente na Igreja, o aporte específico dos cristãos será o de reconstruir e dilatar as genuínas realidades eclesiais. Esta missão não é concebida como um dever a mais, mas como uma exigência vital, para oferecer aos outros a oportunidade de participar do evento da Comunhão libertadora, da qual se fez experiência. A tensão à missão está em proporção exata com a verdade da "comunhão" com Cristo e sua Igreja.

A Igreja tem o direito e o dever de contestar ao mundo a presunção de querer construir com as próprias mãos, através de análises e mudanças estruturais, uma resposta global e exaustiva às interrogações profundas do homem.

CL evidencia duas condições para uma autêntica presença da Igreja. A primeira é a unidade dos cristãos, que deriva do reconhecimento de uma identidade comum: o estar em comunhão com Cristo.

Esta unidade tem no batismo sua raiz, alimenta-se e exprime-se na participação comum aos sacramentos, e tende a gerar uma estrutura comunitária global. A unidade é condição essencial para que a Igreja seja Igreja, isto é, sacramento de comunhão com Cristo. - A segunda condição é a ligação com a autoridade, isto é, com o bispo. A esta referência tudo deve ser, interior e geneticamente subordinado, e eventualmente sacrificado. Por meio da autoridade brota a energia do mistério.

3. O processo educativo. A CL repele uma educação "neutra", fundada na pressuposição de que o Estado tenha condições de produzir autonomamente a verdade. Tal tese mascara a tentativa ideológica de eliminar a identidade cultural para consentir ao Estado o monopólio da cultura e de sua transmissão, que cria no educando a indiferença, o ceticismo, o "qualunquismo", pressupostos ideais para o desenvolvimento de personalidades fanáticas ou carolas. CL considera que a educação introduz o jovem na experiência da realidade total, como desenvolvimento de todas as estruturas de um indivíduo até sua realização integral, e ao mesmo tempo afirmação de todas as possibilidades de conexão ativa dessas estruturas com toda a realidade.

A educação deve implicar em tudo o que contribui para evocar e ouvir o desejo de Deus (= sentido religioso), que existe em cada homem. Para alcançar esta meta é indispensável oferecer ao jovem uma hipótese explicativa unitária, que o liberte da desassociação desgastante, na qual inevitavelmente virá a encontrar-se diante da disparidade e da contrariedade de propostas e soluções da sociedade, e em particular da escola.

"Só uma época de discípulos, pode dar uma época de gênios, porque somente quem é antes capaz de escutar e compreender, alimenta em si uma maturidade pessoal que o torna capaz de julgar e de afrontar até - eventualmente - abandonar o que alimentou". Se isto é verdadeiro para a vida em geral, em particular é verdadeiro para a vida cristã, um evento iniciado há 2000 anos e conservado vivo pela transmissão ininterrupta da Igreja, ideado por Cristo para esta finalidade. Por isso, o jovem é convidado a confrontar-se com esse patrimônio tradicional de forma atenta e leal. Não num confronto dialético e discursivo, mas no plano da experiência.

Na referência responsável e cordial a essa autoridade reside a garantia de estar objetivamente enxertados na vida da Igreja. Mas também, em cada comunidade, é indispensável que existam polos de referência autorizados. Na CL essas autoridades têm um caráter histórico baseado em duplo título: enquanto são fruto do reconhecimento concorde da comunidade, tendo como critério a qualidade e relevância de seus testemunhos de fé e de vida, e enquanto à duração de seu mandato é ligada à permanência da vitalidade do testemunho. A autoridade, para não se tornar despótica e opressora, deve procurar compreender, respeitar e valorizar os carismas de cada um, isto é, o projeto que o Senhor tem sobre ele.

A pessoa usa mal da sua liberdade, seja quando aceita tudo passivamente, seja quando defronte a uma proposta que, para ser avaliada, deve ser acolhida integralmente, faz um trabalho de pré-seleção, fruto do capricho e da correção.

3. AVALIAÇÃO.

1. - Aspectos positivos.

A CL tem apresentado o anúncio cristão aos jovens na sua essencialidade, em seus elementos fundamentais, aberto e flexível em relação às possíveis traduções. Privilegia também o indicativo dogmático sobre o imperativo moral. Outro aspecto: o anúncio cristão deve ser verificado experiencialmente, como proposta cristã a responder à necessidade profunda de felicidade e de vida.

O anúncio cristão é possível dentro da Igreja, sacramento do encontro com Deus. Outros caminhos? A

CL não os nega. Apresenta o normal.

O evento libertador de Deus, em Cristo, já é uma realidade, ainda que não completa.

2. Aspectos negativos.

Na impositação doutrinal da CL parece haver pouco espaço ao E. Santo, uma certa impermeabilidade ideológica e o uso reduzido da Sagrada Escritura.

O movimento é também acusado de integrismo, apresentando os modelos interpretativos e operativos do empenho histórico, sem levar devidamente em conta a consistência específica e irreduzível do fato humano.

Também há os que observam que a praxe pastoral se move não em referência decisiva ao bispo e ao plano de pastoral, mas às indicações, textos e planos dos líderes do movimento, parecendo que a única proposta formativa é a do Movimento.

Escrevia Urs von Balthasar, amigo do Pe. Giussani: "Existe também, depois da humilhação do triunfalismo hierárquico, um triunfalismo mais sutil da ideologia da comunidade ou do grupo. A humildade dos pequenos grupos é hoje o mais necessário à Igreja, mas também o mais ameaçado: dum lado por causa da tentação do mundanismo, do outro por causa da tentação de uma autonomia fechada".

Quer-se substancialmente opor à crise de identidade do projeto leigo uma identidade forte (talvez integrista) do associativismo católico. A identidade católica seria produtora da sociedade civil, sem mediação de um projeto.

FOCOLARES

1. HISTÓRICO.

Foi em 1943, durante a última guerra, que surgiu o Movimento dos Focolares, fundado por Sílvia Chiara Lubich, chamado oficialmente "Opera di Maria". No meio da destruição geral, causada pelos bombardeios, Chiara e um grupo de jovens companheiras se perguntaram: "Haverá um ideal que não passa, que nenhuma bomba pode destruir"? E a resposta chegou: Sim, este ideal é Deus, que se manifesta no que realmente é: Amor. Decidiram que se fossem vítimas da guerra, se escrevesse em suas sepulturas: "Nós acreditamos no amor" (1 Jo 4,16). A data histórica do Movimento é 7 de dezembro de 1943, quando Chiara se consagrou ao Senhor.

Em pouco tempo, atingiu centenas de pessoas em Trento e, depois da guerra, espalhou-se pelo mundo inteiro, envolvendo diversas formas de vocação: focolare masculino e feminino, voluntários, casados no Movimento Famílias Novas, Sacerdotes, Movimento sacerdotal seminarista, Movimento Gen, e numerosas publicações. A Santa Sé aprovou em 1962 com João XXIII e em 1965 com Paulo VI, com uma estrutura interna do conselho geral de coordenação, cujo presidente, por estatuto, sempre deve ser uma mulher.

2. - LINHAS DOCTRINAIS.

As linhas doutrinárias inspiradoras da espiritualidade do Movimento estão contidas em doze verdades evangélicas:

2.1. Deus-Amor é a primeira centelha inspiradora, a compreensão nunca tida antes de Deus como Amor.

2.2. Fazer a vontade de Deus é a resposta que se dá ao Deus-Amor, à imitação de Jesus, o Filho que fez sempre a vontade do Pai.

2.3. Entre as vontades de Deus destacam-se duas: o mandamento do amor aos irmãos; e a

2.4. Reciprocidade do amor fraterno, exigida pelo mandamento novo de Jesus.

2.5. A presença de Jesus entre os homens, quando estes, amando-se uns aos outros, se reúnem em seu nome, dá sentido à fraternidade universal que Jesus trouxe à terra para toda a humanidade.

2.6. Jesus abandonado na cruz se manifesta, no cume das dores, como chave para recompor a unidade das pessoas com Deus e entre si, para sanar toda divisão.

2.7. A Palavra de Vida do Evangelho, como radical reevangelização do próprio modo de pensar, de amar, de viver, é apresentada cada mês com um breve comentário espiritual de Chiara.

2.8. Na Eucaristia, instituída antes da oração pela unidade "que todos sejam um" Jesus é o vínculo da unidade, o mais poderoso coeficiente para a plena unidade.

2.9. Maria, discípula por excelência, cristã perfeita, é modelo para cada membro do Movimento,

sobretudo porque tem a função de gerar espiritualmente Cristo entre os homens. O Movimento foi aprovado como "Obra de Maria" e os seus encontros mais variados são chamados "Mariápolis".

2.10. À presença de Jesus na Igreja hierárquica, "quem vos escuta a mim me escuta", não obstante todas as fraquezas humanas, exigindo realizar as suas ordens e desejos, se atribui a explosão mundial do Movimento. Mas a unidade com a hierarquia não impediu que o Movimento explicitasse cada vez mais as exigências dos diálogos: ecumênico, inter-religioso e com os não crentes, em vista do ideal da unidade.

2.11. No Espírito Santo o Movimento se reconhece a si mesmo pela típica atmosfera que ele difunde entre seus membros e por aqueles dons tão característicos da Obra de Maria: alegria, paz, luz.

2.12. A unidade é o elemento mais típico e característico da espiritualidade do focolare e que lhe dá o seu nome particular: "espiritualidade da unidade". Todo o resto, todos os outros elementos estão finalizados para sua atuação, o grande ideal da espiritualidade focolarina, o seu objetivo único: "que todos sejam um, como nós somos um, eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade e o mundo reconheça que me enviaste e os amaste, como amaste a mim".

3. AVALIAÇÃO.

1. Aspectos positivos:

1. O ponto mais positivo do Movimento é o embasamento da sua espiritualidade nas doze verdades evangélicas resumidas acima, intrinsecamente relacionadas entre si e finalizadas para o ideal da unidade, cerne da Boa Nova anunciada por Jesus Cristo.

2. O Movimento busca ortodoxia através de uma adesão fiel e aberta ao Magistério da Igreja, mas acima da ortodoxia teórica procura encontrar no evangelho a ortopraxis inspiradora de uma vivência pessoal e comunitária, coerente com os valores do Reino de Deus.

3. Pratica um ousado e abrangente diálogo ecumênico e inter-religioso, partindo de uma transparente identidade cristã e católica, sem sincretismo, nem irenismo, sem proselitismo, nem fanatismo. O ecumenismo é colocado na perspectiva do amor e da unidade, visando a que as pessoas de confissões religiosas diferentes procurem, antes de tudo, amar-se para além das suas diferenças religiosas, a exemplo de Jesus abandonado.

4. Num mundo marcado pela globalização econômica excludente, Chiara promoveu, no interior do Movimento, um compromisso transformador: a busca de uma "economia de comunhão", incentivando, para isso, a participação na política mesmo partidária.

2. Questionamentos.

1. As reflexões de Chiara sobre o mistério do Deus-Amor, ponto de partida de sua experiência espiritual, não parecem suficientemente claras. Deus é amor porque é Trindade ou Trindade porque é amor? Ao falar da Trindade, a sua preocupação é definir a natureza do verdadeiro amor que consiste essencialmente na doação de si, na oblatividade. Parece supor que este aspecto positivo pressupõe a negação de si, de modo que o amor é (como doação) e não é (como negação de si) ao mesmo tempo. Falta-lhe compreender melhor o conceito de pessoa na Trindade, na qual a pessoa é pura relação transparente à outra pessoa. Na Trindade, para que uma pessoa ame outra, não precisa que ela se anule a si mesma, porque ela se percebe como pura relação transparente de abertura às outras pessoas. Entre nós, seres humanos, marcados pelo pecado, a oblatividade pressupõe a negação do egoísmo, do fechamento narcisista em si mesmo. E Jesus abandonado, no seu esvaziamento, é para nós modelo de negação do egoísmo.

2. Chiara tem falado muito de espiritualidade coletiva ou comunitária. Necessita-se de uma reflexão sobre as diferenças entre indivíduo e pessoa, entre coletividade e comunidade. Quanto mais se é pessoa, mais se é comunidade e vice-versa. Basta romper o egoísmo e o fechamento opaco do indivíduo para uma abertura oblata e comunicativa às outras pessoas.

3. As reflexões sobre Jesus abandonado estimulam a imitação e seguimento de Cristo no aspecto mais misterioso do seu mistério. É preciso cuidar, entretanto, para que a explicação do episódio do abandono de Jesus na cruz, interpretado, aliás, diversamente pelo próprio Novo Testamento, não desfigure nem a figura do Filho totalmente confiante no Pai e absolutamente certo de sua presença, nem a figura do Pai, fonte do amor, que jamais abandonaria o seu Filho, deixando-o sozinho.

2. Aspectos negativos.

1. Como acontece em relação a outros Movimentos, comenta-se que membros do Focolare tendem a

venerar demasiadamente a figura da Fundadora. Nesse sentido, alguns parecem valorizar a Palavra da Vida, sobretudo pelo comentário que Chiara faz mensalmente de uma frase do Evangelho.

2. Comenta-se, também, que os focolares atingem predominantemente pessoas de classe média, adotando estilo de vida acima das camadas pobres da sociedade. Isto poderia ser explicado pelo condicionamento sociológico e psicológico de muitos dos seus membros. É certo, porém, que, à luz das verdades evangélicas por eles assumidas, os Focolarinos estão orientados para a opção preferencial pelos pobres.

MOVIMENTO DE SCHÖNSTATT

1. - HISTÓRICO.

Aos 18 de outubro de 1914, o Pe. José Kentenich manifesta a um grupo de jovens Congregados Marianos sua "secreta ideia predileta": transformar a Capela da Congregação Mariana, situada no vale de Schönstatt, em Vallendar, junto ao Reno, capela de São Miguel, um Tabor a partir do qual se manifestem as glórias de Maria. Não poderia deixar herança maior do que levar N.Sra. do Rosário a estabelecer, nesta capela, seu trono e distribuir tesouros e milagres da graça. Era plano "fazer suave violência" a Nossa Senhora através de orações e sacrifícios, e tornar a Capela São Miguel ponto de partida e centro de um movimento de educação e renovação religiosa e moral.

Surgiram diversos movimentos: A "União apostólica" é a primeira de suas comunidades apostólicas laicais. - Em 1920 nasce a "Liga" que compreende sacerdotes, homens e mulheres de diversas idades e, profissões, agrupados em vários ramos. - Em 1926 surge a fundação dos Institutos Seculares de Schönstatt. - Em 1924, a Congregação Mariana do Seminário de Schönstatt transformou-se no "Movimento Apostólico" de Schönstatt. Hoje a Obra de Schönstatt compreende: Institutos, Uniões, Liga e Movimento Popular de Peregrinos. Os santuários, que se constroem no mundo, são reproduções fiéis do Santuário de Schönstatt.

2. - LINHAS DOUTRINAIS.

1. A fé convicta do Pe. Kentenich era de que a missão e atuação da Mãe de Deus continua até o fim dos tempos, como "companheira e colaboradora" oficial e permanente de Cristo em toda a obra da redenção. Mesmo após a assunção ao céu desenvolve sua atuação, de preferência nos lugares de graças que ela mesma escolhe, e por meio de pessoas que se colocam à sua disposição. Numa peregrinação a Pompeia, na Itália, surgiu-lhe esta ideia: Por que Pompeia sim, e Schönstatt não?

2. Os Congregados Marianos resolveram colocar-se a serviço de Nossa Senhora. Esta consagração tomou o nome de "Aliança de Amor" e as palavras proferidas, neste 18 de outubro de 1914, denominaram-se mais tarde "Documento de Fundação". Eles tomaram conhecimento da Congregação Mariana que floresceu no século XVI em Ingolstadt, e dela tomaram o título "Mãe Três Vezes Admirável" para a imagem de Maria da Capelinha de São Miguel. Em Schönstatt recebe-se tríplice graça: a graça do abrigo espiritual, a graça da transformação interior, e a graça da missão e fecundidade apostólica.

3. O elemento determinante é a Aliança de Amor com a Mãe Três Vezes Admirável. Em si não é outra coisa que a aliança feita com Deus no batismo. Por que Mãe Três Vezes Admirável? Porque Deus fez um Aliança de Amor com a Criação através do homem e com a mediação da Sma. Virgem. Nesta aliança pessoal, os contraentes se pertencem mutuamente: a realeza de Maria nos fica entregue, com a sua segurança. A Aliança é local, vivida integralmente na Capelinha, pois ali recebe-se graça específica. Na Capelinha a aliança encontra sua materialização e seu símbolo. Como consequência há necessidade de se vincular estreitamente ao lugar e fazer dele o lar espiritual. A Aliança de Amor se vive se houver contato de fé com a Capelinha.

4. O típico de Schönstatt é pretender realizar a missão por meio de Maria, isto é, mostrar ao mundo a posição, a dignidade e a missão da Sma. Virgem, que assegurará a transformação do mundo em Cristo. O Movimento aspira, como missão, converter-se numa epifania mariana. Schönstatt quer formar um Capital de Graças a ser oferecido na Capelinha, dentro do Corpo Místico. Para fundamentar isso lembra a liberdade humana e a generosidade divina.

5. O Movimento cumpre sua missão pelo Espírito Santo, que age na Capelinha por meio de Maria. É Ele quem renova todas as coisas. Outra arma é uma forte autoridade: poucas leis, mas uma autoridade firme e forte.

6. O espírito do Movimento apostólico de Schönstatt pode ser sintetizado nestes pontos:

* Piedade mariana. Maria é a mais perfeita realização do homem novo, da nova criação, objetivo da salvação realizado por Jesus Cristo.

* Piedade da Aliança. Deve-se decidir livremente com Maria e como Maria: "Unidos com Maria na Aliança do Amor, chegaremos a Cristo Jesus, e por Cristo, no Espírito Santo, ao Pai".

* Piedade de instrumento. A Família Schönstatt cultiva a consciência de ser um instrumento totalmente dependente de Deus e da sua graça. Há o cuidado de se orientar na vontade de Deus, à luz da fé na Providência, e estar em total disponibilidade.

* Santidade de vida diária. Trata-se de santificar o mundo em todos os seus âmbitos. A ideia da santidade de todos os dias teve papel decisivo na constituição dos Institutos Seculares.

* Espírito de magnanimidade. Vínculos que obrigam sob pecado, só os necessários; liberdade que aspira ao mais alto grau de amor e cultivo da vida espiritual para atingir este grau.

* Nos Institutos se faz a consagração-contrato em lugar dos votos. É uma consagração-contrato que vincula pela força do direito natural. Os contraentes são cada um de seus membros e a comunidade. Com esta consagração ascética à Mãe Três Vezes Admirável o contrato é elevado ao caráter de ato religioso e de entrega total a Deus.

* Espírito de família. O princípio teológico de que a graça deve unir-se à natureza é básico. Procura imitar a família, para que o povo de Deus se torne família de Deus. Por isso os membros vêem em Schönstatt o lugar de seu nascimento espiritual. Olham o Fundador como pai espiritual, em cuja pessoa transparece o Pai eterno, do qual vem toda a paternidade no céu e na terra.

3. AVALIAÇÃO.

1. Aspectos positivos.

Nota-se o desejo do Pe. Kentenich de prestar um culto especial à Mãe de Deus e a busca de uma vida de transformação. Elaborou o sentido de uma espiritualidade que seja testemunho com linhas ascéticas bem definidas.

Outro aspecto positivo é também o fato de santificar a vida diária e de colocar o sentido da fé na cotidianidade. O Movimento teve ampla difusão entre o povo, sobretudo pelas Capelinhas da Visitação, em que as casas recebem a imagem de Maria e rezam diante dela.

2. Aspectos negativos.

Deve-se observar a vinculação demais materializada ao Santuário como se fosse um absoluto, sem o qual não há uma experiência mais profunda de Deus em outras formas.

Parece colocar Maria numa posição quase independente. Sua vinculação com Cristo parece tênue. Tem-se a impressão de que o primeiro lugar é de Maria.

A própria Aliança de Amor poderia destacar mais os aspectos de Aliança tão fortes na Bíblia, e destacar menos esta vinculação com a Capelinha.

O sentido de autoridade também se manifesta de modo muito duro, fazendo com que a obediência se torne mais um ato material, do que uma disponibilidade mais plena e abrangente da vontade de Deus.

Pode-se questionar a consagração-contrato, como vinculação pelo direito natural, mesmo colocada no plano religioso. É posta como algo que vincula mais pelo contrato e o direito do que pela consagração e entrega generosa a Deus.

A figura do Fundador assume uma posição de destaque, que deve ser sempre considerado como algo fundamental, até mesmo se comparando com a paternidade de Deus.

NEOCATECUMENASIS

1. HISTÓRICO.

O caminho neocatecumenal, também chamado de itinerário de iniciação cristã das comunidades neocatecumenais, nasceu em 1964 em Madri, nas favelas de Palomeras Altas, por inspiração do pintor Francisco Argüello (Kiko), convertido do ateísmo existencialista à fé cristã. Caminhava no bairro com a Bíblia, um crucifixo e um violão. Mais tarde um membro de Instituto Religioso, que passava por Madri rumo à Bolívia, Carmen Hernández, associou-se ao projeto. Hoje o movimento neocatecumenal está presente em 90 nações e em todos os continentes.

2. LINHAS DOUTRINAIS.

A base doutrinal se fundamenta no anúncio da ressurreição de Jesus Cristo; no Servo de Deus como

sentido da cruz de cada homem; na redescoberta do batismo como meta; no catecumenato como caminho de conversão e de fé. O caminho catecumenal se propõe ser uma síntese original da totalidade do cristianismo.

Teologicamente o catecumenato não quer responder à teologia do laicato, mas sim à eclesiologia da comunhão. Eis alguns pilares, nos quais se baseia o neocatecumenato:

1. O anúncio da ressurreição de Jesus Cristo. Na primeira etapa afirma o querigma da ressurreição. Pede-se ao catecúmeno vida nova, que só é possível na medida em que nascer o homem novo, revestido de Jesus Cristo. A ética cristã tem que ser moral responsorial: a graça precede ao dever, a iniciativa à resposta humana, a ação de Deus ao imperativo e à parenese da atuação do homem. No princípio, pede-se que se escute a palavra de Deus, para se preparar às demais exigências cristãs. O anúncio da ressurreição se dirige aos homens escravizados pelo temor da morte. Ao pecar, o homem faz experiência de morte, porque o pecado destrói o homem por dentro. O momento querigmático é atualizado com a narrativa da queda de Adão e Eva. Ao pecar, os primeiros pais fizeram uma experiência de morte, de ruptura, de acusação. Dentro da situação existencial do homem com o temor da morte, ressoa o querigma da ressurreição de Jesus, como alegre notícia. A teologia de Paulo (particularmente Romanos e Coríntios) é chave de leitura. O anúncio da ressurreição abre o caminho neocatecumenal, que inicia a formação da comunidade e a reconstrução da Igreja. É uma iniciação à experiência pessoal de conversão.

2. Caminho de fé e conversão. Os que receberam o querigma começam, comunitariamente como povo, uma caminhada, um itinerário. Aqui aparecem os paradigmas de Abraão e Maria. É um autêntico catecumenato, por ser uma iniciação à fé, à conversão e ao batismo. Por se tratar de catecumenato pós-batismal chama-se neocatecumenato. À medida que a palavra de Deus ilumina, se aprendem 3 lições fundamentais: a primeira é que Javé, o Pai de Jesus Cristo, é o único Deus. Cantar o shemá é recordar e confessar a unicidade de Deus. O catecúmeno deve dar sinais de que o dinheiro não é seu deus. --- O segundo escrutínio é confrontação profunda com as tentações do dinheiro, da história e dos ídolos. É um passo decisivo no caminho neocatecumenal --- Outro descobrimento é a cruz gloriosa. Deus, ressuscitando Jesus, mudou a morte ignominiosa da cruz em motivo de esperança, glória e salvação. A cruz não destrói o homem unido a Cristo pela fé. O catecúmeno vive uma vida que supera a morte: a vida eterna. A vida começada é garantia de consumação da promessa e da esperança. Dentro desse horizonte escatológico descobre-se também a realidade do juízo e do inferno. O evangelho de Jesus Cristo implica num julgamento de salvação ou de ruína.

3. A comunidade como realização de Igreja. A pregação querigmática tende à reconstrução da comunidade. Segundo seus fundadores, não é um grupo espontâneo, nem uma comunidade de base, nem uma associação de leigos, nem um movimento de espiritualidade, nem um grupo de elite da paróquia. A comunidade neocatecumenal quer ser Igreja de Jesus Cristo que se realiza num lugar determinado, onde se proclama a palavra de Deus e se celebram os sacramentos. A comunidade neocatecumenal é uma realização local da igreja infra e intraparoquial. A comunidade, presidida por um presbítero, se insere na paróquia, e para abrir o caminho neocatecumenal numa diocese os catequistas pedem autorização ao bispo. Segundo os neocatecumenais, não há dupla hierarquia: uma, de Kiko, passando pelos catequistas; e outra, do bispo, passando pelo pároco ou pelo presbítero da comunidade. O caminho neocatecumenal é um caminho de evangelização no mundo secularizado, descristianizado e descrente. Nisso são decisivos os "catequistas itinerantes", que saem de suas comunidades, e a elas retornam para ir a outros lugares. Eles devem ser: enviados pela Igreja em seus presidentes, testemunhas da ressurreição pelo encontro pessoal com o Senhor vivo, e desprovidos de bolsa e toda segurança.

Resumindo, as dimensões que constituem o neocatecumenato são: Querigma, Caminho e Comunidade. O anúncio abre um caminho de conversão e cria comunhão nos que acolhem a palavra da salvação. Na comunidade se recebe e se desenvolve a fé. A quenose faz chegar à realidade, por vezes desconhecida ou rejeitada.

O caminho quer ser demorado, sem queimar etapas. A inquietude de diversos pastores é de parecer prolongar-se indefinidamente. Forma-se o tripé na palavra, liturgia e comunidade. A palavra de Deus alimenta a fé, na mesa eucarística entra-se no dinamismo de Jesus Cristo morto e ressuscitado, e assim nasce a Igreja, como corpo do Senhor.

Nas comunidades se celebra a Palavra uma vez por semana; nos sábados à noite, abrindo o descanso dominical, reúnem-se para a Eucaristia; e a comunhão se propicia particularmente por uma convivência mensal, onde cada um comunica a experiência do seu itinerário de fé.

O caminho neocatecumenal é marcado por etapas, escrutínios, passos, exorcismos, ritos. Eis as etapas mais caracterizadas:

a) Etapa querigmática (= poucos meses). Começa quando um pároco manifesta desejo de abrir o caminho neocatecumenal. Recebe então uma equipe de catequistas. Isso dura uns 2 meses com catequeses semanais em 3 partes: a 1a. tem como ponto culminante o anúncio de Jesus Cristo, vencedor da morte e do mal. Termina com uma celebração penitencial. - A 2a. se abre com a Palavra de Deus, anunciando o querigma. Abraão torna-se um paradigma forte com sua fé e o sacrifício do filho Isaac. O êxodo do Egito mostra o poder de Deus quebrando todas as formas de morte e escravidão. Na celebração da Palavra os participantes recebem a Bíblia das mãos do bispo. - A 3a. etapa é a convivência num final de semana com a Eucaristia através de catequeses e duma celebração solene e festiva.

b) Pré-catecumenato (= 2 anos). Faz-se com catequeses, encontros por grupos e reflexão pessoal. Culmina com o primeiro escrutínio no marco duma celebração pré-batismal, na qual se escreve o nome na Bíblia da comunidade, pede à Igreja a fé, mostra disponibilidade de receber o Espírito Santo. A Igreja, morada do Espírito, acolhe, sob sua custódia maternal, os que terminam esta etapa, guiando-os à renovação do batismo.

c) Passo ao catecumenato (= 2 anos). É uma etapa para reconhecer e aceitar a própria realidade pessoal. A celebração da Palavra tem como conteúdo as grandes realidades da história da Salvação: Abraão, Êxodo, Deserto, Aliança, Terra Prometida, Reino, Exílio, Profetas, Criação, Messias, Ressurreição, Igreja, Parusia. Através de 4 semanas é introduzida a comunidade em cada tema. Termina-se com o segundo escrutínio, iluminado pelas tentações de Jesus e de Israel, e a renúncia aos bens. No primeiro escrutínio se havia entregue o Espírito com seus dons para amar a Deus e o próximo na dimensão da Cruz; aqui, se interroga sobre a negociação realizada com aqueles talentos na luta contra o poder do dinheiro. Neste momento, se arrecada quantias de dinheiro para se destinar aos pobres da paróquia.

d) Catecumenato (= 3 anos). Destacam-se: o símbolo da fé, o Pai Nosso, os mandamentos de Deus que se resumem no shemá e no amor ao próximo, e nos sacramentos. Destacam-se algumas figuras bíblicas: Abraão é a fé, Jacó a eleição, José a providência, Moisés a condução do povo. Os catecúmenos são, então iniciados na oração quotidiana. Nas celebrações domésticas, busca-se valorizar os salmos, começando rezar Laudes. Passado um ano com os salmos, a Igreja entrega o símbolo da fé. São enviados dois a dois a visitar as famílias, incorporando-se à missão evangelizadora da Igreja. Terminado o anúncio pelas casas, numa assembleia paroquial farão a "redditio" do Creio, confessando publicamente a fé. No domingo de Ramos receberão a palma, como sinal do testemunho de Cristo que pode chegar até o martírio. Transcorrido um ano, recebem o Pai Nosso.

e) Eleição (= 2 anos). Numa liturgia se escreve o nome no Livro da Vida. Só passam aqueles que demonstraram aliança com Deus em Jesus Cristo.

f) Renovação das promessas batismais. É o último passo. É o tempo pascal para os que terminaram de renovar o batismo. Conclui-se assim o caminho do catecumenato.

Cada fase é marcada por gestos e símbolos especiais, e por escrutínios, feitos por pessoas "fora" do grupo local.

3. AVALIAÇÃO.

1. Aspectos positivos.

O neocatecumenato preocupa-se em reviver o sentido profundo do batismo com sua vivência cristã e pertença à Igreja. Quer recuperar a antiga tradição da Igreja, desejando produzir nos cristãos verdadeira conversão. O caminho é exigente e demorado. Há muitos aspectos positivos, sobretudo pela busca da vivência batismal compromissada. É intenção de seus fundadores recuperar o sentido do batismo e seu testemunho de vida nova. São etapas muito exigentes, que exigem perseverança. É de admirar a austeridade do caminho.

2. Aspectos negativos.

- a)- Diversos autores apontam ser um itinerário muito rígido, parecendo que a vida em Deus e na Igreja é marcada por critérios matemáticos. É uma exigência muito forte para leigos, parecendo-se mais um modelo de vida consagrada.
- b)- Outro aspecto levantado é a tonalidade forte do pecado, particularmente na primeira fase, chegando alguns a chamar de "protestantização". A impressão é de que o pecado é a força maior, enquanto a ressurreição e a Palavra de Deus não se apresentam fortemente como valor permanente de vida nova.
- c)- Questiona-se também o aspecto de parecer uma espécie de Igreja dentro da Igreja. Os catecúmenos afirmam que nada se faz sem anuência do bispo e do pároco. Porém, certas atitudes parecem desfazer as celebrações da comunidade. Convertem-se numa Igreja paralela, porque se auto excluem da comum vida eclesial e das esperanças e temores da sociedade, deixando de lado as tarefas sociais e os aspectos coletivos da fé, ficando a secularidade específica dos leigos escassamente assumida.
- d)- Não faltam os que observam que o caminho neocatecumenal se apresenta como algo absoluto, quase desprezando os demais movimentos apostólicos e outros jeitos de viver e testemunhar a fé, dando a impressão de que o catecumenato é o único caminho de salvação. Cada cristão deve assumir pessoalmente seu batismo, como sacramento de fé e conversão.
- e)- A teologia do Movimento deu origem a específicos métodos de arquitetura nas Igrejas, como também formas próprias de imagens sacras, cantos, ministérios e linguagem simbólica. Outro aspecto é o organização da pastoral vocacional própria, até com seminários. Tudo isso serve para aumentar ainda mais a crítica de "caminho independente".
- f)- Alguns dizem que se absolutiza demais os líderes, Kiko e Carmen, como também questiona-se o montante de recursos econômicos utilizados.

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA

1. - HISTÓRICO.

O Pentecostalismo, de longa data presente no Protestantismo, teve seu despertar com o surgimento de novos movimentos no início do século XX, nos Estados Unidos, difundindo-se pelo mundo. A partir de 1967 penetrou na Igreja Católica com o nome de Renovação Carismática Católica ou Renovação no Espírito.

O início deve-se a um grupo de professores e alunos da Universidade Católica da Pensylvania e da Universidade Católica de Indiana. Em 1967 realiza-se o primeiro Congresso do movimento. O movimento carismático chega ao Brasil em 1972 através dos jesuítas. Fala-se hoje de cerca 40 milhões de adeptos católicos no mundo, dos quais 30% na América Latina.

Na sua organização, a RCC se apresenta em nível internacional com o ICCRO (= Internacional Catholic Charismatic Office - em Roma); - em nível latino-americano em Bogotá com realização de encontros cada 2 anos; - em nível nacional tem um conselho nacional de 15 membros, que se reúne 2 vezes por ano; - existem as equipes regionais de acordo com os Regionais da CNBB.

A Comissão Nacional se encontra em Brasília e consta de 7 membros, que atende as equipes regionais, promove encontros nacionais e edita o Boletim Nacional.- Em nível local o núcleo ou equipe de servos organiza reuniões.

2. - LINHAS DOUTRINAIS.

1. A RCC deseja dar uma teologia trinitária, centrada porém na pessoa e missão do Espírito Santo. Jesus, em sua humanidade, recebe o Espírito e o envia. E a Igreja, como sacramento de Cristo, estende aos homens a unção do Cristo pelo Espírito Santo, que permanece na Igreja como perpétuo Pentecostes. A plenitude de vida no espírito é um bem comum da Igreja, embora nem todos se apropriem com igual intensidade. Sem Espírito e seus carismas não há Igreja. Neste sentido todo cristão deve ser carismático. Os ministérios são carismas de modo que não há oposição entre Igreja institucional e Igreja carismática. Propõe um sopro do Espírito Santo para os cristãos terem uma experiência pessoal e vida da presença e ação de Deus, fazendo-os reconhecer que Jesus Cristo é o Senhor de suas vidas, da Igreja e da história. Professa um novo Pentecostes, levando a uma vida nova, de acordo com o Espírito.

2. Valoriza a oração individual e comunitária, principalmente de louvor, a partir da vida e da Palavra de Deus. Através de reuniões semanais e Seminários de Vida deseja evangelizar e aprofundar o estudo

da Sagrada Escritura.

3. Não pretende constituir uma estrutura, mas engajar-se nas estruturas já existentes da Igreja: CEBs, paróquias e dioceses. Põe-se a serviço da Igreja para a renovação espiritual.

4. O plano de ação se desenvolve em diversos níveis com a associação dos servos, e procura se situar diante das realidades locais, buscando assim espiritualidade e atividades variadas, quase sempre fundamentadas no tripé: testemunho, perseverança e crescimento.

3. -AVALIAÇÃO.

É útil recordar que o Conselho Permanente publicou orientações, ressaltando tanto os pontos positivos, como negativos, chamando a atenção para alguns pontos considerados essenciais. O Documento 53 da CNBB: "Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica" é um instrumento válido e claro para ajudar o Movimento a crescer e ser útil à Igreja.

Resumimos alguns pontos.

1. Aspectos positivos.

Assinalam-se os seguintes: a busca da oração individual e comunitária, o amor à palavra de Deus, a disponibilidade à vontade de Deus, a manifestação dos carismas, a maior união familiar, o sentido de louvor, a valorização do Espírito Santo, a redescoberta do papel de Maria, a frequência aos sacramentos, e o surgimento de vocações sacerdotais e religiosos.

2. Aspectos negativos.

A oração em línguas pode gerar a impressão de constituir ponto alto de espiritualidade e o dom das curas cair no curandeirismo, sem valorizar suficientemente o mistério da cruz e o valor salvífico do sofrimento. - O repouso no Espírito pode ocasionar um clima de histeria coletiva e levar à debilidade psíquica, e o apelo indiscriminado aos carismas ocasionar confusões e fanatismo, sem distinguir dom do Espírito e desvio psicológico. O chamado "batismo no Espírito" pode criar confusão em relação às dimensões do sacramento do batismo. - A fácil credibilidade em profecias e visões podem levar as pessoas a ser juguete do vento de qualquer doutrina, comprometendo a fé católica. - A insistência unilateral - pneumatológica - pode deixar sombras no mistério da Encarnação; - o fechamento na própria espiritualidade, como única "renovada", causa tensões na própria Igreja; - a interpretação da Sagrada Escrituras, sem a devida preparação e orientação, pode gerar um fundamentalismo e um intimismo não condizentes com a fé católica. - A insistência nos exorcismos e na ação maléfica do demônio produz a impressão de que ele é o senhor do mundo e assim esvaziar a ação libertadora de Cristo. - Algumas práticas, como a unção do óleo, aclamações durante e após a Consagração, a comunhão fora da Missa, podem ser utilizadas fora do espírito litúrgico.

Os pontos acima são reais, se não houver sólida formação ou se a coordenação da RCC não estiver na mão de pessoas equilibradas e de preparação eclesial.

CONCLUSÃO

Esta exposição da teologia dos movimentos destaca apenas alguns pontos, que pareceram importantes para despertar estudo mais aprofundado. Sabe-se da variedade de opiniões a favor e contra.

Os Movimentos possuem estrutura própria, espiritualidade própria, orientação própria, líderes próprios. Eles podem ser dentro da Igreja autêntico fermento evangelizador, como podem criar igrejas paralelas. Se permanecerem fermento evangélico, poderão prestar grande ajuda às pastorais; mas se se firmarem como igrejas paralelas, fechadas em si mesmas, podem prejudicar a evangelização, a pastoral, a Igreja em sua missão evangelizadora. Por isso, é indispensável que os Movimentos e Grupos se insiram na pastoral de conjunto de toda a ação evangelizadora e pastoral da Igreja.

Sugere-se que teólogos e pastoralistas das várias tendências examinem atentamente todos os aspectos, - positivos e negativos, - de cada movimento, para assim se chegar a uma sadia e proveitosa discussão a bem da Igreja e da evangelização.

Fonte: CNBB – Comissão Episcopal de Doutrina

TUDO O QUE É NECESSÁRIO SABER SOBRE A NOVA ERA

Há trinta anos vem-se formando uma onda cultural/filosófica/religiosa que pretende reagir contra o presente estado da humanidade e empurrar esta a uma nova consciência, para uma nova forma de ser espiritual. Esta onda é chamada de Nova Era (New Age) e, hoje por hoje, não há nenhum aspecto de nossa vida que não tenha sentido seus efeitos de alguma forma.

As ideias e os objetivos da Nova Era recolhem elementos das religiões orientais, o espiritismo, as terapias alternativas, a psicologia transpessoal, a ecologia profunda, a astrologia, o gnosticismo e outras correntes. Os mistura e os comercializa de mil formas, proclamando o início de uma nova época para a humanidade. Mas, no fundo, não parece ser mais que outra tentativa vã do homem de se salvar por si mesmo fazendo promessas que não pode cumprir e atribuindo-se poderes que não possui.

1. A Nova Era é uma seita religiosa?

Não. A Nova Era não é uma seita, nem uma igreja, nem uma religião. É uma forma de ver, pensar e atuar que muitas pessoas e organizações adotaram para mudar o mundo segundo certas crenças que têm em comum. Mas não tem chefe, nem regras, nem doutrinas fixas, nem disciplina comum.

2. Por que, então, se diz que é uma nova religião?

A Nova Era fala de muitas coisas que tocam nossa fé: Deus, a criação, a vida, a morte, a meditação, o sentido de nossa existência, etc. ... mas não é uma religião. Toma diversos aspectos de muitas religiões e também das ciências e da literatura e os mistura com certa originalidade para dar respostas fantásticas às perguntas mais importantes da vida humana. Às vezes inclusive usa uma linguagem cristã para expressar ideias muito contrárias ao cristianismo.

3. Quem pertence à Nova Era?

Todo tipo de pessoa pode fazer parte da Nova Era. Seus líderes e pensadores costumam ser gente da "revolução contracultural" dos anos 60 e 70 que rejeitou os valores e os caminhos religiosos tradicionais a favor da libertinagem, da cultura da droga, do amor livre e dos experimentos em comunidades utópicas. Hoje suas ideias estão tão difundidas que grande número de pessoas as compartilham sem uma rejeição formal e evidente de sua própria cultura ou seu estilo de vida.

4. Em que a Nova Era acredita?

O típico da Nova Era é o espírito de individualismo que permite a cada quem formular sua própria verdade religiosa, filosófica e ética. Mas há algumas crenças comuns que quase todos os participantes da Nova Era compartilham:

- a) o mundo está para entrar em um período de paz e de harmonia mundial assinalado pela astrologia como a "era de Aquário"
- b) A "era de Aquário" será fruto de uma nova consciência nos homens. Todas as terapias e técnicas da Nova Era pretendem criar esta consciência e acelerar a vinda da era de aquário.
- c) Por esta nova consciência o homem vai se dar conta de seus poderes sobrenaturais e saberá que não há nenhum Deus fora de si mesmo.
- d) Cada homem, portanto, cria a sua própria verdade. Não há bem e mal, toda experiência é um passo para a consciência plena de sua divindade.
- e) O universo é um ser único e vivo em evolução ao pleno conhecimento de si e o homem é a manifestação de sua autoconsciência.
- f) A natureza também é parte do único ser cósmico e, portanto, também participa de sua divindade. Tudo é "deus" e "deus" está em tudo.
- g) Todas as religiões são iguais e, no fundo, dizem o mesmo.

h) Há "mestres" invisíveis que se comunicam com pessoas que já alcançaram a nova consciência e os instruem sobre os segredos do cosmos.

i) Todos os homens vivem muitas vidas, vão se reencarnando uma e outra vez até alcançar a nova consciência e dissolver-se na força divina do cosmos.

5. O que dizem os da Nova Era quando alguém os faz ver que estas crenças são pura fantasia?

Quando alguém não aceita esta absurda visão de Deus, do homem e do mundo, a Nova Era lhe diz que sua consciência ainda não está iluminada e que sua compreensão está condicionada por esquemas culturais que serão superados na nova era.

6. Mas, como esperam comprovar umas crenças que não correspondem em nada à realidade?

Normalmente fazem de experiências subjetivas pessoais que são tão impossíveis de verificar como o são de desmentir. Às vezes pegam dados das ciências e os aplicam à vida espiritual do homem como se as mesmas leis regessem em ambos mundos.

7. Se as coisas estão assim, que lugar há na Nova Era para o Deus que nos foi revelado em Jesus Cristo?

Nenhum, o Deus da fé católica é uma pessoa, e "deus" da Nova Era é uma força impessoal e anônima. O Deus da fé católica é Criador de Tudo, mas não se identifica com nada do criado. O "deus" da Nova Era é a criação que pouco a pouco vai se dando conta de si mesmo. O Deus da fé católica é infinitamente superior ao homem, mas se inclina a ele para entrar em amizade com ele. O Deus da fé católica julgará a cada homem segundo sua resposta a esse amor. O "deus" da Nova Era é o próprio homem que está além do bem e do mal. Na Nova Era o amor mais alto é o amor a si mesmo.

8. A Nova Era diz algo de Jesus Cristo?

A Nova Era diz que Jesus Cristo foi mais um mestre iluminado entre muitos. Diz que a única diferença entre Jesus Cristo e os demais seres humanos é que Ele se deu conta de sua divindade enquanto a maioria dos homens ainda não a descobriram. Desta forma a Nova Era tira-lhe seu caráter único e irrepetível de Filho de Deus e ridicularizam o fato de que Deus se fez homem para "salvar-nos do pecado".

9. Um católico pode aceitar a crença na reencarnação?

Em absoluto. A reencarnação é a crença em uma cadeia de regressos a esta vida sob diverso aspecto corporal. Se fosse certa, minha liberdade seria inútil e minhas decisões, lutas, esforços, sacrifícios e sofrimentos na vida não teriam nenhum valor, pois ao fim e ao cabo teria que fazer tudo de novo uma e outra vez. Se a reencarnação fosse verdade, a paixão e morte de Cristo não teriam sentido e sua ressurreição não nos asseguraria a redenção. A ressurreição é a transformação definitiva do ser humano e a entrada à eternidade. Morre-se somente uma vez e à morte segue a ressurreição e o juízo. Como diz São Paulo: "Se nossa esperança em Cristo é unicamente para esta vida, somos os mais miseráveis dentre os homens!" (1Cor 15, 19).

10. A Nova Era não se confunde com o ecologismo?

Não. O verdadeiro ecologismo busca conservar o planeta e respeitar todas as formas de vida, especialmente a vida humana que tem um valor muito superior a todas as demais já que o homem foi feito a "imagem e semelhança de Deus". O ecologismo exagerado da Nova Era diz que o homem vale o mesmo que uma baleia ou um monte ou uma árvore. Chega a considerar ao homem como o pior inimigo do planeta em vez de vê-lo como seu guardião e seu dono.

11. Há também uma música que se diz "nova era"?

Sim. A música "nova era" se chama assim porque se inspira em alguns temas de grande interesse para a Nova Era: a natureza, as religiões dos povos antigos, as culturas orientais, etc... Costuma ser música instrumental, misturada com sons naturais, às vezes muito repetitiva, outras vezes sem melodia nenhuma.

12. É errado escutar este tipo de música?

A música "nova era" é como qualquer outra música: uma combinação de sons mais ou menos agradáveis ao ouvido. O que poderia torná-la "má" seria algum conteúdo daninho (a letra) ou algum uso irresponsável da música (para ajudara a induzir a um estado alterado de consciência; para provocar sentimentos negativos, etc.).

13. Por que a Nova Era fala tanto de "energia" ?

Uma das ideias básicas da Nova Era é que toda a realidade visível, incluindo o homem, se reduz a uma "energia cósmica". Segundo isso, enquanto o cosmos estiver em fase evolutiva, sua energia se manifesta de muitas formas: uma pedra, o vento, a mente humana, etc... Supostamente há coisas, lugares e exercícios que podem aumentar nossa capacidade e nosso controle dessa energia (carregar um cristal de quartzo, visitar uma pirâmide ou outro lugar "sagrado" o dia de um equinócio primaveral, realizar certas posturas de yôga, etc.).

14. Os programas de controle mental, cura e auto-superação são um engano?

Deve-se ver e julgar cada programa separadamente. Mas alguns programas ensinam simples técnicas de relaxamento, concentração, memória ou fortalecimento da vontade que produzem resultados imediatos em seus clientes. A estas técnicas, que não têm nada de extraordinário, as revestem de uma linguagem pseudocientífica e as colocam como um grande descobrimento ou um segredo da sabedoria antiga. Frequentemente se passa de uma terapia psicológica ou emocional ao mundo espiritual, incorporando elementos do panteísmo, do gnosticismo ou da espiritualidade oriental sem prevenir ao cliente. Aos resultados mais modestos no campo humano é atribuído um caráter sobrenatural. Daí se convence ao cliente de seus "poderes especiais", sua "consciência iluminada", ou de qualquer coisa. O pior é que alguns destes programas se apresentam como um complemento excelente do cristianismo quando, no fundo, baseiam-se em conceitos incompatíveis com a fé católica.

15. As novas técnicas de meditação são úteis?

A Nova Era não tem nenhum reparo em misturar formas religiosas de tradições muito diversas, ainda quando há contradições de fundo. Deve-se recordar que a oração cristã se baseia na Palavra de Deus, centra-se na pessoa de Cristo, leva ao diálogo amoroso com Jesus Cristo e desemboca sempre na caridade ao próximo. As técnicas de concentração profunda e os métodos orientais de meditação fecham o sujeito em si mesmo, o impulsionam a um absoluto impessoal ou indefinido e fazem caso omisso do evangelho de Cristo.

16. E o yôga?

O yôga é, em sua essência, um exercício espiritual e corporal nascido da espiritualidade hindu. As posturas e exercícios, ainda que se apresentem como um simples método, são inseparáveis de seu sentido próprio no contexto do hinduísmo. O yôga é uma introdução a uma tradição religiosa muito alheia ao cristianismo. A palavra "yôga" significa "união". Deveríamos perguntar: união com o que?

17. Por que a Nova Era dá tanta importância à astrologia, ao horóscopo, ao tarô, ao contato com espíritos, etc?

As antigas técnicas de adivinhação e o espiritismo sempre provocaram a curiosidade das pessoas. A Nova Era tem assinalado um renascimento do interesse no ocultismo, a magia, a astrologia e as práticas mediúnicas. São correntes que pretendem dotar ao homem de poderes mentais e espirituais sobrenaturais e colocá-lo como dono absoluto de seu próprio destino. A Nova Era apaga as distinções entre matéria e espírito, entre o real e o imaginário, entre o possível e o impossível. Mas nenhum esforço da Nova Era conseguirá conciliar o ocultismo, o esoterismo ou o espiritismo com a fé e a vida do católico.

Seus promotores

De alguma forma pode-se chamar promotores da Nova Era desde uma bruxinha que faz limpezas na Pirâmide do Sol em Teotihuacán até famosas personalidades nos meios de comunicação que se

dedicam a temas de esoterismo comercial e popular. Mas há algumas organizações internacionais que também operam na América Latina.

Algumas dessas organizações são:

a) A Sociedade Teosófica: fundada em 1875 em Nova York pela russa Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891), espírita e médium. Sua doutrina é uma mistura de espiritismo, ocultismo, princípios gnósticos e espiritualidade oriental. As crenças principais da Sociedade incluem a reencarnação, a comunicação com mestres desencarnados, o yôga, astrologia.

b) A Nova Acrópolis: fundada na Argentina em 1957 por Jorge Ângelo Livraga. É um grupo ocultista e agnóstico inspirado principalmente nos escritos de Blavatsky e uma mescla dos conceitos de pensadores antigos. Seus membros buscam um estado espiritual superior através de sugestivas cerimônias de iniciação e a utilizam de muitos símbolos e ritos típicos de grupos paramilitares.

c) Controle Mental Silva: fundado em Laredo, Texas em 1966 por José Silva (n. 1914), consiste em cursos breves de técnicas de controle interno e alcançar a Sobre-Consciência ou o domínio total de seus estados mentais. O método contém elementos do espiritismo e sutilmente levar seus praticantes ao panteísmo. Maneja muitos conceitos fundamentais da Nova Era e centra a esperança da salvação nos poderes mentais do homem. Apesar do fato de que muitos dos mestres do método falem uma linguagem "cristã" e asseguram a seus clientes que o método ajudará em sua vida espiritual, há elementos substanciais do programa incompatíveis com a fé católica. Ultimamente a organização Silva no México tem se dedicado a arrecadar assinaturas de sacerdotes e monjas que aprovam o método para facilitar sua promoção em âmbitos católicos.

d) A Meditação Transcendental: fundada em 1958 por Maharishi Mahesh Yogi na Índia mas não se popularizou até 1967, graças à publicidade oferecida pelos Beatles e outros artistas famosos da contracultura dos anos 60. Em sua doutrina, que nasce do hinduísmo, se busca a iluminação da consciência pela reflexão pessoal mediante a repetição de mantras (palavras sagradas) e ritos religiosos. Implícitos nos ensinamentos da MT são a rejeição de doutrinas essenciais ao cristianismo (um Deus pessoal, a Encarnação, a Ressurreição, etc.) a veneração do Maharishi e do Guru Dev como santos e mensageiros divinos.

e) A Grande Fraternidade Universal: fundada em 1948 em Caracas pelo francês Serge Reynald de la Ferrière (1916-1962), que era muito ativo com grupos de teosofia, astrologia e a maçonaria. Sua doutrina se baseia em práticas astrológicas, esotéricas e ocultistas, e afirma que todas as religiões são iguais, ainda que favoreça crenças e práticas hindus. Apresenta um sincretismo religioso que apela a uma ciência superior que é a verdadeira base de toda religião.

f) A Igreja da Cienciologia/Dianética: fundada por L. Ron Hubbard (1911-1986), novelista de ficção científica que em 1950 publicou Dianética: A ciência moderna da saúde mental, um manual de autoconhecimento e desenvolvimento de potencialidade humana baseada na análise de experiências prévias ao nascimento.

As associações de médicos mais prestigiosas dos EUA condenaram repetidamente as teorias e as terapias da Dianética como totalmente carentes de base científica e daninha para a saúde mental. Sua teoria é que todos os males humanos são causados por "engramas" ou cargas negativas que se gravam no inconsciente do homem e provocam estragos contínuos.

Para se libertar faz falta uma "audição" por parte de um especialista que recomendará uma série de cursos que supostamente levará ao cliente ao estado de "claro" ou livre de "engramas". A reencarnação e as experiências extracorporais são parte da doutrina da seita.

Hubbard também tem escritos que atacam duramente ao cristianismo.

A Igreja da Cienciologia foi definida como uma seita destrutiva e belicosa e sustenta muitas associações de caráter social e humanitário para alcançar maior aceitação na sociedade, por exemplo: Narcanon e a Comissão Cidadã dos Direitos Humanos.

POSSO SER CATÓLICO E MAÇOM?

Tenho recebido muitas consultas sobre Maçonaria, por exemplo, se um católico pode se inscrever na Maçonaria, se um maçom pode comungar e outras.

Achei oportuno escrever este artigo sobre a matéria, imaginando que muitas pessoas também tenham as mesmas dúvidas e queiram se esclarecer. Para muitos a Maçonaria é uma entidade filantrópica, semelhante a um clube de serviço como Rotary e o Lions. Para esses poderia parecer implicância da Igreja Católica vetar aos seus fiéis o ingresso na Maçonaria.

Na realidade a Maçonaria não é mera entidade filantrópica. Ela se apresenta também como instituição com princípios filosófico-religiosos.

Por diversas vezes, ao longo dos séculos, a Igreja católica condenou a maçonaria. Nunca ficaram muito claras as razões aduzidas para essas condenações. Podemos talvez dizer que a Igreja condenava a Maçonaria por ser sociedade suspeita de heresia e de maquinar contra os poderes instituídos e contra a própria Igreja.

Com essa última conotação foi introduzida no antigo Código de Direito Canônico uma pena de excomunhão para os que ingressarem na Maçonaria.

Ficou claro para a igreja hoje que a Maçonaria é uma entidade com princípios filosófico-religiosos inconciliáveis com a doutrina cristã. Já não se considera o aspecto de “maquinação contra a igreja”. O novo Código de Direito Canônico não faz nenhuma referência à Maçonaria.

O Episcopado alemão, após seis anos de estudos, concluiu pela inconciliabilidade entre a igreja Católica e Maçonaria, pelos seguintes motivos:

- a) o relativismo e o subjetivismo são convicções fundamentais na visão que os maçons têm do mundo;
- b) o conceito maçônico da verdade nega a possibilidade de um conhecimento objetivo da verdade;
- e) o conceito maçônico da religião é relativista: todas as religiões seriam tentativas, entre si competitivas, de anunciar a verdade divina, a qual, em última análise, seria inatingível. Tal conceito de religião implica uma visão relativista, que não pode conciliar-se com a convicção cristã; o conceito maçônico de Deus (Grande Arquiteto do Universo) é uma concepção marcadamente deísta: um “ser” neutro, indefinido e aberto a toda compreensão possível e impessoal, minando o conceito de Deus dos católicos e da resposta ao Deus que os interpela como Pai e Senhor;
- e) a visão maçônica de Deus não permite pensar numa revelação de Deus, como se dá na fé e na tradição de todos os cristãos;
- f) a ideia maçônica de tolerância deriva de seu relativismo com relação à verdade. Semelhante conceito abala a atitude do católico na sua fidelidade à fé e no reconhecimento do magistério da Igreja;

g) a prática ritual maçônica manifesta, nas palavras e nos símbolos, um caráter semelhante ao dos sacramentos, como se, sob aquelas atividades simbólicas, se produzisse algo que objetivamente transformasse o homem;

h) o conceito maçônico acerca do aperfeiçoamento ético do homem é absolutizado e de tal modo desligado da graça divina, que já não resta espaço algum para a justificação do homem, segundo o conceito cristão;

i) a espiritualidade maçônica pede a seus adeptos uma tal e exclusiva adesão para a vida e para a morte, que já não deixa lugar à ação específica e santificadora da igreja. Esta fica, de fato, sobrando.

No dia 26 de novembro de 1983, a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, deu uma declaração, reafirmando o “parecer negativo da Igreja a respeito das associações maçônicas, pois os seus princípios foram considerados inconciliáveis com a doutrina da Igreja e por isso permanece proibida a inscrição nelas”.

Quem der o seu nome à Maçonaria, diz a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, está em pecado mortal. “Teria sido mais exato dizer que pratica uma transgressão objetivamente grave” (Pe. Jesús Hortal, Nota ao cân. 1.374 do Código de Direito Canônico).

Outras denominações cristãs aos poucos vão chegando à mesma conclusão que a Igreja Católica. Entre outros, citamos a Igreja Anglicana da Inglaterra, a Igreja Metodista da Inglaterra, a Igreja Presbiteriana da Escócia, a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

Como devemos agir na prática pastoral?

Parece-me que, de modo geral, em nossa região, a Maçonaria é considerada como uma espécie de clube de serviço, mais ou menos à semelhança do Rotary Club e Lions Club. Muitos de nossos fiéis, mesmo agentes de pastoral e outros bem engajados e participantes, são membros da Maçonaria. Estes dizem que não estão percebendo nada que contrarie a doutrina católica. Caso percebam contradições entre princípios da Maçonaria e doutrina da Igreja Católica, devem fazer sua opção. Se, neste caso, optarem pela Maçonaria, já não serão católicos.

Se alguém nos consultar sobre se pode aceitar o convite para ingressar na Maçonaria, creio que devemos dissuadi-lo de aceitar tal convite, porque não há razões que justificam o ingresso de um católico na Maçonaria.

Dom Lelis Lara, C.Ss.R.
(Bispo emérito de Itabira)